

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA



Edição 02

Albarus Andreos - Ana Lúcia Merege - Cristina Lasaitis
George Amaral - Jim Anotsu - Victor Oliveira de Faria
Ilustração: Alex Leão - Organização: Rodrigo van Kampen

A. Leão

Revista Trasgo

Edição 02

[Editorial](#)

[Rosas - Ana Lúcia Merege](#)

[Cinco Bilhões - Victor Oliveira de Faria](#)

[Hamlet: Weird Pop - Jim Anotsu](#)

[Código Fonte - George Amaral](#)

[A Maldição das Borboletas Negras - Albarus Andreos](#)

[O Homem Atômico - Cristina Lasaitis](#)

[Galeria: Alex Leão](#)

[Entrevista: Alex Leão](#)

[Entrevista: Ana Lúcia Merege](#)

[Entrevista: Victor Oliveira de Faria](#)

[Entrevista: Jim Anotsu](#)

[Entrevista: George Amaral](#)

[Entrevista: Albarus Andreos](#)

[Entrevista: Cristina Lasaitis](#)

A Revista Trasgo é uma publicação independente. Apoie, visite <http://trasgo.com.br> e divulgue!

Editorial #02

Bem vindo, forasteiro!

Chegamos à segunda edição da Trasgo com a responsabilidade de fazer uma revista tão boa quanto, ou ainda melhor do que nossa edição piloto, que conquistou espaço nas críticas de muitos blogs e veículos nacionais de literatura.

Se a piloto foi feita somente com textos de convidados, esta edição já está mista, com contos de autores selecionados e outros enviados pelo nosso site. Falando nisso, recebemos um bom material pelo formulário, muito do qual ainda não foi avaliado para a terceira edição, mas estou com ótimas expectativas para a próxima. Que tal mandar o seu material também para a gente? Entre no site e veja como!

Para esta edição, arrumamos algumas coisas em relação à formatação do ebook, principalmente na galeria, que agora traz os trabalhos de Alex Leão, ilustrador de Campinas. Contamos com a participação de **Ana Lúcia Merege** com *Rosas*, um belo conto escrito nas entrelinhas; **Victor Oliveira de Faria** resgata o sentimento dos clássicos da era de ouro da FC com seu *Cinco Bilhões*; e **Jim Anotsu** homenageia o teatro clássico inglês à *la cultura pop* em *Hamlet: Weird Pop*. Também temos um pequeno conto cyberpunk, *Código Fonte*, de **George Amaral** e um delicioso exercício de estilo de **Albarus Andreos** com *A Maldição das Borboletas Negras*. Para fechar esta edição, **Cristina Lasaitis** nos permitiu publicar seu ótimo *O Homem Atômico*, um conto urbano entre a ficção científica e a história alternativa.

Como contamos em algumas entrevistas, a Trasgo está em um período de testes durante suas quatro primeiras edições, que serão gratuitas. Queremos provar que é possível manter uma revista profissional com contistas em língua portuguesa. Para isso, precisamos da sua ajuda para aumentar o número de leitores. Colabore, divulgue a Trasgo em seu blog, redes sociais ou convide seus amigos por e-mail.

Você também pode conhecer um pouco dos bastidores no [nosso blog](#) ou no [Twitter](#). Apareça e conte para a gente o que você achou.

Espero que esta edição, feita com tanto carinho, esteja à altura de suas expectativas. Allons-y!

Rodrigo van Kampen

Rosas

Ana Lúcia Merege

Para esperar o professor, Mildred assou um bolo com pedacinhos de amêndoas. Era o seu preferido, ou pelo menos ele o comera sem reclamar, todas as sextas-feiras, ao longo dos dezenove anos em que estavam casados. O chalé fora comprado depois, uma pequena e adorável moradia a duas milhas da estação. Mildred podia assim cultivar suas rosas e o professor podia residir na escola na maior parte do tempo, pegando o trem das 14:27 na sexta-feira para passar o fim de semana ao lado da esposa. Era um arranjo conveniente para ambos, por isso nunca se falou em mudá-lo, assim como jamais se cogitou experimentar uma cor diferente do bege ao repintar o chalé. Não havia por que alterar uma rotina que funcionava tão bem.

O professor descia do trem às 16:14. Comprava uma revista científica na banca da estação e iniciava a caminhada, que no início levava vinte minutos, subira ao longo dos anos para trinta e agora estava em torno dos trinta e sete, podendo ser um pouco mais, se o tempo estivesse ruim ou a mala muito pesada. Mildred, assim, se organizou para que às cinco os móveis estivessem espanados, o chão aspirado — inclusive embaixo do tapete, o que ela negligenciava entre a segunda e a quinta-feira — e a cama com os lençóis trocados e aspergidos com lavanda. A chaleira ficou sobre o fogão, que ela acendeu tão logo ouviu a chave girando na fechadura.

Ao entrar, o professor esfregou as solas dos sapatos no capacho, pousou a mala no chão, depois se voltou para a esposa, um riso beatífico no rosto bem escanhado. Beijou-a levemente nos lábios e indagou como ela passara a semana, tendo o cuidado, dessa vez, de não perguntar também por Snowball. Pobre Mildred, não se queixara em nenhum momento, mas o professor sabia o quanto ela devia ter sofrido com o desaparecimento do gato. O persa de pelo branco fora sua maior companhia ao longo de oito meses. Antes dele houvera um terrier, Pennington, atropelado por um carro pouco antes de completar dois anos.

O professor pensava em comprar outro animalzinho, talvez um menos propenso a sair pela janela ou correr para o meio da estrada, mas, enquanto não se decidia entre um hamster e um peixinho dourado, Mildred não tinha com o que se ocupar a não ser o jardim. As rosas eram a sua paixão, merecedoras de cuidados extremados que, no entanto, o marido não reprovava. Mildred jamais se descuidara dos deveres domésticos por causa do jardim, e as flores eram lindas. Ele passara pelas roseiras ao se encaminhar para a entrada da casa e comprovara que estavam maiores que nunca, embora, é verdade, tivesse havido florações com pétalas de um vermelho mais vivo. Possivelmente era uma ocorrência comum, pensou, lavando as mãos antes de se sentar para o chá da tarde. Os afazeres da vida acadêmica não lhe deixavam tempo para aprender sobre o cultivo de rosas.

Enquanto comiam, o professor contou a Mildred como passara a semana: as discussões com os colegas, dois ou três episódios ocorridos em sala de aula, o aborrecimento que eram as goteiras no teto do laboratório de química. A chuva de terça-feira tinha feito seus calos doerem e uma de suas camisas perdera um botão, mas fora isso tudo correria bem. Mildred ouviu com atenção, balançando a cabeça, e não fez perguntas, apenas o interrompeu uma ou duas vezes para insistir que comesse mais uma fatia do bolo de amêndoas. Estava inclinada sobre a mesa, mais próxima dele do que de costume, e não tirava os olhos do seu rosto, fazendo-o supor que desejava um pouco de intimidade antes do jantar. E por que não, pensou o professor, sentindo-se invadir por uma quente onda de afeto. Por que, se estavam ambos dispostos a isso, não poderiam antecipar a agenda em algumas horas?

Carinhosamente, ele tomou a mão de Mildred e a conduziu para o quarto, dando início ao ritual das carícias preliminares. Parou um instante para se livrar dos sapatos e foi em frente, embora, ao se inclinar sobre a mulher, sentisse por um instante um gosto amargo lhe subir à boca. Devia ser o chá, pensou, dizendo a si mesmo que agora seria indelicado parar, mas o sexo voltaria ao horário regular das dez da noite a partir da sexta-feira seguinte.

Dez minutos depois, despidas as calças de tweed, mas conservando a camisa e as meias, o professor arremetia entre as pernas da esposa em estocadas firmes e regulares. Mildred não deixava escapar um som, mas seus quadris colaboravam, as pernas se enroscando em torno dele de forma a fazê-lo saber que estava gostando. Isso o deixava satisfeito, já que fazia aquilo por ela; seu próprio desejo diminuía muito nos últimos tempos. Só não riscara o intercurso da agenda dos fins de semana porque levava a sério seus deveres como marido. Além disso, ambos haviam acalentado durante anos o desejo de ter uma descendência, e quase tinham conseguido. Não uma, nem duas, mas nada menos que onze vezes, embora todas houvessem sido frustradas no terceiro ou quarto mês de gestação.

Acontecia sempre durante a semana, sem aviso, a não ser uma cólica excruciante que resultava em uma massa sangrenta no fundo do vaso sanitário. Mildred limpava o banheiro e chorava durante uma ou duas horas antes de telefonar para a vizinha mais próxima, a Sra. Griff, que ia buscá-la de carro e a acompanhava ao hospital. De lá, o professor era avisado, mas não havia nada que pudesse fazer, por isso permanecia na escola e voltava para casa, como sempre, na sexta-feira. Mildred o recebia com os olhos pisados e um sorriso triste, e as coisas iam voltando lentamente ao que eram, até que tudo acontecesse de novo alguns meses depois. Isso até quatro anos atrás, quando ondas repentinas de calor e oscilações no estado de ânimo de Mildred anunciaram o fim das possibilidades de perpetuação da espécie. Então, o professor comprou Pennington, mais tarde substituído por Snowball, que ainda não tivera substituto a não ser as rosas.

E, por sinal, que lindas eram aquelas rosas, pensou ele, apenas um segundo antes de estremecer sobre o corpo da mulher. Lindas e cheiravam bem. Teria sido seu aroma, entrando pela janela, que encheu sua boca de saliva?

O professor se recostou no travesseiro e levou a mão à cabeça. A dor que começara momentos antes como uma pontada agora lhe atravessava o crânio, e o estômago também doía, mas o pior de tudo era a confusão que não o deixava pensar. Ele chamou pela esposa, pediu um copo d'água, a voz que sempre fora clara e firme soando como uma espécie de grunhido. Mildred saiu do quarto sem nenhuma pressa e o deixou dobrado ao meio, estertorando agora como um porco a quem tivessem cortado a garganta.

Pela janela aberta, um relâmpago iluminou as roseiras, o cheiro enjoativo das flores enchendo o quarto como se fosse uma câmara mortuária. Num lampejo de consciência, o professor tentou vomitar, mas um espasmo o fez cair de costas sobre o lençol molhado pelo suor de sua agonia. Mildred voltou naquele instante, com um copo que deixou sobre a mesa de cabeceira antes de se sentar e segurar a mão do marido. Ele a apertou, fitando o rosto da mulher com os olhos vidrados, a boca entreaberta deixando escapar saliva e um odor de amêndoas amargas. Aquele fora o último bolo que comeria na vida.

Quando as veias no pulso do professor deixaram de pulsar, Mildred lhe deu um beijo na testa e se levantou para abrir a janela. Suas rosas ali estavam, ainda viçosas e saudáveis, mas com uma palidez preocupante em suas pétalas. Vinham perdendo a cor desde que Mildred deixara de expelir aqueles corpinhos inertes, cujos membros e órgãos macios se dissolviam tão bem na terra negra do jardim. Abençoada fora a Sra. Griff ao aconselhá-la sobre aquele maravilhoso fertilizante, que, no entanto, ela não era mais capaz de produzir. E, como as tentativas com o cão e o gato tinham resultados medíocres, Mildred tomara uma decisão ambiciosa, que infelizmente a levava a ter de optar entre o marido e suas amadas flores.

É impossível ter o melhor de dois mundos.

O vento começara a soprar, trazendo ainda mais forte o cheiro do perfume. Mildred deixou a janela e

pegou o telefone a fim de falar com a Sra. Griff. Desta vez, além da pá, seria melhor que ela trouxesse uma serra, e talvez também alguns sacos de plástico. O freezer tinha sido esvaziado durante a semana, e Mildred não pôde deixar de se congratular por ter insistido na compra de um modelo tão grande. Todas as partes do professor caberiam nele. Ela acabara de garantir por muitos anos o vermelho perfeito para suas rosas.

Ana Lúcia Merege é carioca e trabalha na Biblioteca Nacional. É autora de artigos, de contos, do ensaio “Os Contos de Fadas”, dos romances “O Caçador”, “Pão e Arte”, “O Castelo das Águias” e “A Ilha dos Ossos”. Organizou, entre outras, a coletânea “Excalibur” e é co-organizadora de “Meu Amor é um Sobrevivente”, “Bestiário” e “Bestiário: outras criaturas”. Mais em estantemagica.blogspot.com.br

Cinco Bilhões

Victor Oliveira de Faria

I

Keyra apreciava o belo pôr do Sol que se estendia por todo o horizonte. O tom avermelhado emitido pela estrela, nos últimos anos, demonstrava que sua existência estava ameaçada. Ela, ciente deste fato, aproveitava para banhar sua pele semitransparente enquanto ainda podia. Yves se aproximou.

— Sabia que a encontraria aqui.

— Estou aproveitando enquanto posso.

— É, mas você sabe... Em breve o Sol Vermelho irá explodir. Teremos de deixar esta galáxia.

— Uma pena. Se houvesse algo que pudéssemos fazer... Nem com a tecnologia que dispomos foi possível elaborar alguma coisa.

— Por isso vim ao seu encontro. O Conselho descobriu uma estrela gêmea, semelhante à nossa, mas relativamente mais nova.

— Estão certos disso? Onde?

— Este é o problema. Eles sabem que ela existe, mas nossa carta astronômica não a demonstra. Por isso precisam de você. Você é a melhor em cosmocálculo da equipe.

— Porque fui criada assim.

— Mas você é diferente. Os outros cosmocalculistas não expressam sentimento e nem fazem questão de tê-los. Você vem aqui fora todo dia apreciar a luz direta do Sol Vermelho por algum motivo.

— Ou seja, sou uma aberração para minha espécie.

— Pare com isso, Keyra. Você pode ter um papel fundamental em descobrir uma cura para nosso Sol.

— Acha que é possível?

— Sim. Falta algo, só não sabemos o que é. Estudando uma estrela semelhante à nossa, em seus primeiros bilhões de anos de vida, talvez...

— E nossos registros? Não indicam nada?

— Não. Não temos os dados dos primeiros anos de vida do nosso Sol Vermelho.

— Algo que nem aqueles que nos criaram foram capazes de encontrar... Como saberei o que falta?

Yves permaneceu calado. Flutuaram juntos sobre a superfície queimada e arenosa. Seus corpos produziam uma sombra tremeluzente e curiosa sobre as rochas maiores.

Keyra estendeu a mão e tocou suavemente o controle da cúpula. O hexágono derreteu, liberando a passagem. Não precisavam de código de identificação. O controle na porta era apenas preventivo, caso ocorresse alguma emergência. Na verdade, apenas uma ínfima parte da população possuía o estranho costume de sair da zona habitável — não havia motivo e nem demonstravam vontade em fazer isso.

Os tecnoeternos tiveram mais de quatro bilhões de anos para aperfeiçoá-los e agora era possível gerar novas formas de vida seguindo um padrão desejado. Keyra fugia a este padrão, por algum motivo obscuro. Haviam encomendado uma cosmocalculista racional e, por obra do acaso, acabou nascendo uma cosmocalculista emocional. Isto já acontecera outras vezes em sua longa história, um evento raro, mesmo que apresentasse certa tendência em se repetir.

As crianças já sabiam desde cedo a que coletividade pertenciam. Em pouco tempo criavam elos com outros de sua espécie e formavam grupos segundo interesses em comum. Keyra era diferente desde pequena. Passava muito mais tempo olhando atentamente aquela imensa esfera brilhante sobre a cúpula, alheia aos assuntos principais. Como ninguém poderia apreciar a beleza exótica daquela estrela?

Quando atingiu a adolescência descobriu que o Sol Vermelho estava morrendo e passou a sair lá fora todas as tardes, enquanto sua equipe fazia intervalos nos estudos científicos.

Yves era o único de sua espécie que tentava compreendê-la. Keyra gostava de estar ao seu lado. Como não havia contato físico propriamente dito, todos os grupos denominavam esta espécie de sensação como “sentimento rudimentar”. Ela possuía uma ligação com ele, mas era tão superficial que ia embora tão rapidamente como havia surgido. Yves, frustrado mesmo sem perceber, costumava murmurar “Keyra possui uma ligação com o Sol”.

Agora, estando frente a frente com os Conselheiros, Yves lembrava-se de sua estranha ligação com ela. Pensando melhor, parece que já a tinham escolhido devido às suas habilidades especiais. Ele sabia o que estava envolvido no projeto de reabilitação do Sol Vermelho. Haveria consequências se ela não aceitasse.

O Conselho era formado pelos três tecnoeternos mais antigos, que os aguardavam pacientemente. Os dois maiores demonstravam dificuldade em se locomover devido à sua altura. Portavam em seu peito algo semelhante a um laboratório portátil, de onde seus vários membros retiravam a massa comprimida de DNA. Suas faces triangulares, já desgastadas pela ação do tempo, não demonstravam a menor expressão. O menor deles, de aparência humanoide, apesar de andar sobre rodas tracionadas, se aproximou.

— CG0.999/KYR e CG1.000/YVS, conhecidos por Keyra e Yves. É um prazer tê-los conosco.

Ainda que não encontrassem um sentido funcional na gentileza, certos costumes haviam sido programados em suas mentes. Parecia a coisa certa a se dizer diante de outra espécie. Mediante o silêncio, prosseguiram.

— Para atualizar-lhes sobre o andamento da missão: a estrela gêmea continua a emitir uma radiação específica. Não conseguimos encontrá-la. No entanto, é semelhante a ecos registrados em nossos arquivos. Isso, através da lógica, prova que estamos perto de uma solução.

— Entendo. Mas qual o motivo real de sua preferência por mim, além de minha aberração particular?

— Este termo está incorreto. Você possui habilidades não programadas que se desenvolveram por si só. O termo correto seria “especial”. Há, ainda, outra informação relevante: você teve muito mais contato com a radiação solar durante estes anos do que todos nós.

— As minhas saídas?

— Sim. Nós sabemos sobre sua estranha fixação em nossa estrela e seus “banhos de sol”. No entanto, foge à nossa compreensão.

— Existe algo que vocês não saibam?

Yves tentou interceder e foi interrompido por ela. O tecnoeterno continuou.

— Seu comportamento é incomum, até para nossas mentes complexas. A verdadeira questão é: você deseja salvar a estrela que tanto admira?

— Sim. Desejo.

— Então utilize sua sensibilidade. Auxilie-nos a identificar a origem da estrela gêmea.

Ele se afastou enquanto os três dedilhavam extensos comandos à sua frente em uma tela invisível. Um aparelho, semelhante a um capacete, se materializou. Keyra inseriu a cabeça no espaço curvado e imediatamente suas conexões neurais foram ativadas. Um universo de estrelas explodiu em sua face.

— O que devo fazer?

— Sentir.

Keyra lembrou-se dos raios solares avermelhados percorrendo sua estrutura corporal. Não sabia explicar, mas era reconfortante. A carta astronômica se moveu velozmente. A estrela vermelha preencheu o cenário principal e encheu a sala com a mesma cor. Yves apenas acompanhava tudo, admirado. O tecnoeterno do centro retomou o diálogo.

— A estrela gêmea possui o mesmo padrão de assinatura sensorial. Procure outro corpo celeste que

lhe provoque o mesmo sentimento.

Estrelas iam e vinham. A projeção parecia enlouquecida, enquanto sua mente se deslocava por espaços desconhecidos. Nebulosas, quasares e até um buraco negro foram vistos de relance, até que uma explosão de amarelo e laranja a fez parar. A sala foi preenchida com uma luz quente, aconchegante. O vermelho escuro deu lugar a uma luz amarela absurdamente viva. As coordenadas foram registradas. Keyra não sabia o que dizer. Apenas sentia. Era exatamente assim que imaginava. Sua estrela, mais de quatro bilhões de anos atrás, deveria ser idêntica.

II

Andrew Dent, um cidadão americano, já estava cansado daquelas conferências sobre ética envolvendo engenharia genética e tecnologia avançada. Os dois lados (se é que não haveria mais) possuíam sua parcela de razão, mas as discussões eram intermináveis. As grandes doenças que assolaram o século XXI começavam a desaparecer e a inteligência artificial permeava quase noventa por cento de tudo o que o ser humano tocava e consumia.

Estes fatos tornavam Andrew um indivíduo mais fechado, focado apenas na conclusão de seus estudos.

Seu projeto era impopular, mas não tanto quanto as ideias do cientista Halley. Daniel Halley, um cidadão brasileiro, alto e de boa aparência, chamava a atenção dos jornalistas por defender o uso de autômatos na ala de *farmacêutica embrionária*. Segundo ele, era muito mais seguro uma inteligência artificial manusear ampolas contendo espécimes bacteriológicos, utilizados para testar novas vacinas, do que humanos inaptos. E isso poderia ser estendido para a área das provetas. Sem contato humano, sem riscos para ambos os lados. Sem erros.

Mas a ideia de seres humanos nascerem pelas mãos de um autômato gerava um quadro mental forte demais até para os que possuíam a mente mais aberta.

Em meio à confusão ocasionada pela imprensa, teve tempo de observar um senhor carrancudo que parecia amaldiçoar tudo aquilo. Nutriu certa curiosidade a seu respeito.

Daniel conheceu Andrew em uma destas convenções. Apesar da distância mantiveram contato durante os anos que se seguiram.

Os dois cientistas já possuíam uma idade considerável quando o primeiro autômato manipulador genético foi instalado em um complexo científico localizado na área norte brasileira, em caráter experimental. Se tudo corresse bem, como era previsto, novas portas seriam abertas...

O projeto 'Dandrew' prosseguia em paz, após um início conturbado com ondas de protesto dia após dia, até que outro acontecimento desviou a atenção da mídia. Foi encontrada uma gigantesca esfera metálica no meio da floresta amazônica. Aparecera do nada. Não existiam vestígios das queimaduras características de reentrada na atmosfera terrestre. Simplesmente surgiu.

Um pequeno grupo encarou aquilo como um sinal dos céus. Era coincidência demais. Os extremistas prepararam um assalto ao laboratório, com o objetivo de encerrar suas atividades. Aquelas pesquisas não eram algo natural.

As câmeras aéreas de várias emissoras os cercaram. Os pequenos robôs voadores assustaram a fauna da região e acabaram por espalhá-la. Em pouco tempo os militares foram acionados para evitar o contato humano com o objeto desconhecido. Era preciso controlar a situação, antes que curiosos ou manifestantes contaminassem o local da queda.

A milícia, bonito nome para o que tratava-se apenas do grupo científico militar, cercou a mata ao redor e iniciou os testes de radioatividade. O material que revestia a esfera era desconhecido. Os testes de Carbono 14 enlouqueceram e demonstraram números impossíveis.

Dispersaram de uma vez só as pessoas que insistiam em adentrar aquela área. Lembraram-se que havia um laboratório próximo, o que os obrigou a deslocarem uma equipe para lá.

Após estes fatos, nada extraordinário aconteceu. Alguns grupos permaneceram estudando a esfera e em questão de meses aquilo se transformaria mais em atração turística do que experimento científico. Enquanto isso, o primeiro autômato manuseava com relativo sucesso todos os aparatos necessários e adequados às suas funções.

Cientistas não costumavam festejar, mas Daniel convenceu Andrew a tirar umas férias e talvez mais tarde, quando o projeto estivesse concluído, conhecer as praias brasileiras. Preparou um evento particular e o convidou. Foi nessa festa que algo inusitado ocorreu.

Daniel notou uma agitação incomum nos seguranças que cercavam o jardim central. Depois dos últimos eventos, contratar uma equipe dessas fazia-se necessário. Tentavam em vão ajudar uma mulher que insistia em se esconder atrás das pequenas árvores ornamentais. Estava extremamente assustada, ainda mais por estar nua. Rapidamente retirou seu casaco e, afastando os seguranças, a cobriu. A garota acalmou-se por um instante. Andrew já estava um pouco “alto” àquela hora.

— Tirou a sorte grande, hein?

— Quietos Andrew... Ela parece estar em estado de choque...

A garota olhava de forma admirada para suas mãos. Daniel notou que ela tentava pronunciar algumas palavras incompreensíveis. Andrew suspirou “turistas”, esquecendo-se completamente de que era um deles, relacionando o fato aos eventos recentes. Foi ignorado logo em seguida por seu amigo.

— Ela precisa de alguma roupa. Vamos levá-la até o laboratório e depois avisaremos seus parentes. Será rápido.

— Assim que ela sair do... daquele negócio... Estado de choque.

A festa poderia esperar. Nenhum deles tivera coragem de mencionar, mas ela era muito atraente. O percurso não era longo e durante todo o trajeto ela não tirava os olhos de suas próprias mãos.

Daniel encontrou as roupas e jaleco de uma mulher de sua equipe e carregou no braço. Ficou de frente para ela e falou algumas frases. Encostou a mão em sua face e elevou seu rosto em sua direção. Ela olhou atentamente e agradeceu de alguma forma. Procurou explicar que era melhor passar a noite ali até que se recuperasse. Sem saber o que dizer, ela aceitou. Havia entendido como gentileza os gestos efetuados até agora. Fechou os olhos. Eles saíram...

... E então amanheceu.

Uma luz reconfortante penetrou vagarosamente por entre as janelas do laboratório. Era quente. O Sol desceu no decorrer dos minutos até encontrar o rosto da garota adormecida. Que sensação estranha era aquela... Abriu lentamente seus olhos e teve de fechá-los depressa. Uma lágrima escorreu. Levantou de sua cama improvisada e correu em direção à porta de saída. Ao abrir viu-se inundada por sensações desconcertantes jamais experimentadas.

Era uma luz forte, aquecida e... Amarela! Um Sol Amarelo!

III

Os tecnoeternos discutiam entre si. A distância era apropriada? A forma de deslocamento se

comportaria conforme o esperado? A distância calculada por Keyra era absurda e ao mesmo tempo paradoxal.

— Isto vai além de nossos cálculos. É improvável que estes dados existam.

— Tenho certeza do que senti, Conselheiro.

Dedilharam mais algumas vezes nas telas vazias e encerraram a sessão.

— Nos veremos novamente daqui um mês.

Os dois se retiraram da sala e conversaram. Keyra, como há muito tempo não se via, permanecia entusiasmada.

— Yves, se você pudesse sentir o que senti lá dentro... A estrela gêmea é magnífica, amarela e tão...

Tão...

— Não sei se gosto disso, Keyra.

Sua expressão mudou.

— Por quê?

— Os tecnoeternos nunca nos explicaram o que ocorreu realmente nos períodos ocultos.

— Antes de um bilhão?

— Isso... E ainda há o fato de serem paradoxais os dados que você encontrou.

— Se for para salvar nossa estrela, valerá a pena.

— Por que se importa tanto com isso? Se ela explodir, iremos para outra galáxia. A solução é simples.

— Não sei. Sinto que algo estranho está para ocorrer.

— Algo estranho?

— Você não entenderia. Desculpe, mas é a verdade.

Na cúpula principal, os Conselheiros buscavam a melhor forma para viajar tal distância. Neste caso, “forma” era literalmente a dimensão que o transporte deveria assumir. Acabaram definindo que uma esfera se adaptaria bem a qualquer distância percorrida, seguindo dados específicos repassados por um deles. Aquele projeto era de suma importância, principalmente para os nascidos naquela era.

A promessa de que “se o Sol explodisse iriam para outra galáxia” era verdadeira. Mas não dizia especificamente qual dos grupos teria essa chance. Viajar à velocidade da luz não era algo próprio para seres orgânicos. Seus corpos frágeis se desintegrariam em segundos. Somente os tecnoeternos sobreviveriam a uma viagem dessas.

Por isso trabalhavam há anos para descobrir o fator que ainda não haviam encontrado. Reiniciar a civilização não era uma tarefa fácil. O que faltava para que ela continuasse e evoluísse?

Keyra era sua última esperança.

E o mês passou rapidamente.

A esfera metálica ocupava um habitat inteiro. Todos os cosmocalculistas haviam trabalhado nela, com auxílio dos astroengenheiros, sob supervisão dos tecnoeternos do Conselho. Keyra entrou sob olhares curiosos. Yves sentiu que devia perguntar algo.

— Tem mesmo certeza disso?

— Tenho. Sou a única dentre todos que pode encontrar a estrela gêmea.

Um dos tecnoeternos se aproximou e disse, calmamente:

— Há pouca probabilidade de você voltar.

Calou-se por um instante e meditou.

— Já que posso não vê-los nunca mais, gostaria de fazer uma última pergunta.

— Faça. Se a informação requerida estiver em meu banco de dados, responderei.

— Qual é seu nome?

Aquilo deixou todos surpresos. Ninguém, jamais, sabia o verdadeiro nome de seus criadores. Eles apenas nasciam, encontravam seu grupo mais adequado, criavam ligações e contribuía para o bem estar

de sua comunidade. Como consequência, os grupos se desenvolviam, o planeta se desenvolvia e os mais adultos deixavam as questões existenciais de lado. Os tecnoeternos eram apenas mais uma classe de seres que habitavam sua terra natal. Os únicos mais respeitados eram os membros do Conselho — os mais velhos de sua classe, ainda ativos. Se perguntar o nome de seus criadores era desnecessário, perguntar o nome de um Conselheiro era um ultraje.

Devido às circunstâncias, ele respondeu.

— Não temos nome propriamente dito. Meu número de série é AMG I. A cada dez mil anos um de meus pares é construído. Está em nossa programação.

E, como se novas conexões neurais surgissem em seu frágil cérebro semitransparente, voltou-se para Yves e disse:

— Não se preocupe. Dará tudo certo!

— Como pode ter certeza?

— Porque... Eu JÁ FIZ isso!

A esfera envolveu-se em uma luz difusa e com o som de um relâmpago, desapareceu diante de todos. Imediatamente uma diretiva adormecida no complexo cérebro do tecnoeterno entrou em ação. O ano de quatro bilhões, novecentos e oitenta milhões e trinta, ficou para trás.

Keyra já estava ciente de algumas coisas, mas não de tudo. A máquina fora programada com os dados adquiridos por meio da sondagem mental. Com a tecnologia disponível, a viagem ocorreu sem maiores problemas. Exceto por um estranho fenômeno que a deixou desorientada por um longo período: sua estrutura celular parecia estar retrocedendo. Já não era mais transparente. Um solavanco a fez bater a cabeça.

Havia chegado? Mas nem saíra do lugar! Como era possível? As distâncias astronômicas eram absurdas, conforme seus próprios cálculos. Tocou nos controles. A porta derreteu a fim de liberar sua passagem. Saiu cambaleando. O ambiente ao redor era confuso, úmido e verde. Bem mais adiante havia luzes. Com a mão na testa esgueirou-se por entre aquelas estranhas estruturas. A esfera lacrou sua entrada.

Tinha que sair dali. Mas para onde iria? Parou um instante e olhou ao redor. Desvencilhou-se de galhos e avistou um buraco no meio daquela mata. Uma caverna?

Conhecia bem as cavernas de seu mundo e foi para lá que se dirigiu. Estava escuro e uma mistura de sensações percorria seu corpo. Entrou naquela fenda e ali permaneceu. Desmaiou. Sua mente não estava preparada para tal deslocamento. Sonhou com o razoável calor que o Sol Vermelho emitia, mas seu corpo sentia algo bem mais reconfortante.

Não sabia quanto tempo permanecera desacordada. Era noite novamente. Um barulho indescritível encheu de pavor seus sentidos. Estavam quebrando minerais no céu? Decidiu que era muito mais seguro se aproximar da luz. Saiu de seu esconderijo e correu. Seu corpo estava relativamente mais pesado.

A esfera ficou cada vez mais para trás. Às vezes tropeçava, levantava e continuava. Objetos não identificados riscavam sua pele. Sentia dor. Mas não permaneceria naquele lugar perigoso. A luz estava cada vez mais perto.

Tropeçou uma última vez e rolou morro abaixo. Para sua sorte aquele lugar estava limpo e forrado com grama.

Parou perto de uma luminária luxuosa. Levou a mão à cabeça. Quando aquelas criaturas tentaram

segurá-la finalmente olhou atentamente para suas mãos. Estavam recobertas por pele! E entrou em estado de choque, até que alguém pronunciou alguns ruídos estranhos e a cobriu com um artefato de textura macia...

Depois disso acordou em cima de um retângulo confortável, onde uma luz quente desenhava caminhos tortuosos. Um rosto! Teria sonhado? Abriu lentamente seus olhos e teve de fechá-los depressa. Uma lágrima escorreu. Levantou de sua cama improvisada e correu em direção à porta de saída. Ao abrir viu-se inundada por sensações desconcertantes nunca antes experimentadas.

Era uma luz forte, aquecida e... Amarela! Um Sol Amarelo!

IV

Daniel chegou antes de Andrew e a encontrou lá fora, deitada sobre a grama baixa do único jardim do complexo. Seus braços estavam abertos e parecia aproveitar bem a luz solar. Queria se bronzear, talvez. Sentou ao seu lado e tentou iniciar um diálogo.

— Então... Sente-se melhor?

Levantou assustada, mas ao gesto da mão de seu salvador, parou. Ela reconheceu aquele rosto. A mão foi direcionada para o solo, ao seu lado. Sentou-se cautelosamente. Era difícil entendê-lo. Aquela linguagem parecia muito o “antepassado”, um conjunto de letras e símbolos que formavam um som específico. Estudavam quando eram crianças, mas somente os tecnolinguistas a dominavam.

— Não sei se consegue me compreender. Você entende o que estou dizendo?

Fez alguns gestos em língua de sinais.

— Eu... Sol... — Disse, enquanto procurava se lembrar de outras palavras.

— Você gosta de estar ao Sol? Creio que sim. Também gosto.

Assentiu com a cabeça e sorriu. Daniel estava satisfeito por ter feito uma boa ação em meio à enxurrada de críticas e desavenças que recebia todo dia.

Daniel estendeu sua mão e a convidou para visitar as instalações. O contato gerava uma sensação incomum, mas agradável. Todos aqueles equipamentos e maquinários pareciam extremamente antigos aos seus olhos.

Lembrou-se de sua missão original. Aquele planeta do Sol Amarelo possuía uma cultura desconhecida. Era preciso aprender. Mas por que falavam o “antepassado”?

Um das alas chamou-lhe a atenção. Instintivamente segurou seu braço enquanto observava aquela máquina trabalhando com tubos de ensaio e componentes químicos. Não poderia estar enganada. Aquelas três esferas vermelhas sobre uma face triangular, ombros largos onde se encaixavam dois braços de cada lado no tronco em forma de trapézio, terminando em um conjunto tracionado de rodas. O autômato virou-se e se ainda restavam dúvidas, esvaíram-se como poeira de estrelas.

Estava escrito em suas costas, em letras maiúsculas: AMG I.

Então tudo fez sentido...

O que havia encontrado era na verdade ecos de sua própria galáxia em tempos remotos. Por este motivo os cálculos eram tão paradoxais. E por este mesmo motivo nunca mais poderia voltar. Aquele não era outro Sol em outra galáxia. Nunca existiu uma estrela gêmea. Era o mesmo Sol!

Definitivamente ela estava no passado!

Levou um tempo até que se entendessem plenamente, mas Daniel e Andrew acabaram compreendendo que ela não tinha família ou amigos. Este foi um dos motivos pelo qual decidiram oferecer um emprego fixo no laboratório, como residente. Daniel e Keyra tornaram-se próximos, o que, para Andrew, não fazia muita diferença.

Keyra demonstrava um estranho respeito pelo autômato — o qual seria, em um futuro muito distante, um de seus prováveis criadores. Obviamente não poderia contar-lhes toda a verdade. Jamais acreditariam. Procurou aprender tudo sobre o projeto ‘Dandrew’.

Se ela ainda estava ali era porque o ciclo não havia sido quebrado. Sua desistência poderia ocasionar um desvio no contínuo original, e de algum forma, aquele futuro do qual viera poderia nem existir. Mas ainda precisava descobrir como salvar o Sol... Como faria isso trabalhando de auxiliar de laboratório na Amazônia?

O autômato a observava com certo interesse. Nova funcionária, novos costumes. O fato era recíproco. Chegou mais perto.

— Como é seu nome?

Ela deu um passo para trás. O futuro tecnoeterno esperou.

— Keyra...

E só então seu lado cosmocalculista despertou. Aquela informação poderia alterar tudo. Aproximou-se mais e procurou acompanhar o que estava fazendo. Era necessário que ele apagasse aquele dado específico de seus registros. Foi direto ao assunto.

— Onde pretende chegar com estes resultados?

— Um ser humano mais bem adaptado às condições terrestres.

Ou crianças com habilidades especiais em alguns bilhões de anos — pensou. Os cosmocálculos entraram em ação e se espalharam através de seus neurônios. Aquela evolução só teria efeito até o ano dez mil. Depois disso existiam dados incompletos. Mas o que teria ocorrido? Os cálculos do futuro tecnoeterno eram perfeitos. Arriscou uma última pergunta.

— Caso a evolução pretendida encontre alguma barreira, qual diretriz você seguirá?

— Dar o próximo passo.

Dar o próximo passo? Mas o que isso queria dizer? Resolveu deixá-lo trabalhando. Daniel a esperava para jantar ao pôr do Sol. Ela adorava aquela sensação. Estava apaixonada, só não entendia.

A luz solar desceu o horizonte suavemente, até tornar-se vermelha. Sua face sempre mudava ao presenciar o final da cena. Introduziu o assunto de forma tão repentina que o assustou.

— Daniel, o que a expressão “dar o próximo passo” significa?

— Bem...

Não sabia como se expressar. Tossiu um pouco e continuou.

— Em um relacionamento significa ir mais a fundo, passar mais tempo juntos... Casar-se... Repartir o mesmo lar... E... Dormir juntos. Mas, se você se refere ao jargão científico significa “encontrar outra solução”. Em suma, testar a hipótese seguinte para a solução do problema.

Ela levantou de uma vez só da mesa, deixando a xícara cair.

— Keyra? O que houve? Se foi algo que eu disse, me desculpe!

Mas os gestos não tinham nada a ver com ele. Aquilo significava muita coisa. O autômato deixaria de produzir humanos, devido a sua estrutura frágil, e passaria a criar seus irmãos — a futura classe dos tecnoeternos. O próximo passo. No entanto, eles precisariam existir. Ou ela nunca teria nascido. Ou terá nascido. Estava confusa. Sentou-se novamente.

Daniel a convidou para ir à sua casa e relaxar, visto que ela nunca saía. Keyra aceitou. Já eram bastante íntimos para isso.

E, naquela noite, quando dormiram juntos, instintos adormecidos em seus genes há mais de quatro bilhões de anos finalmente despertaram. Clareando sua mente, compreendeu plenamente o que deveria

fazer para salvar o Sol Vermelho — que já não era tão importante quanto a salvação de sua espécie.

Então, amanheceu...

Keyra chegou cedo ao laboratório. Não havia ninguém. Encontrou o autômato e iniciou uma conversa hipotética sobre o futuro. Pediu que arquivasse tudo em seu banco de dados e jamais revelasse a informação. Nem seu nome deveria ser pronunciado quando o período chegasse. Deixou apenas uma instrução fixa, de suma importância. Era vital que não ocorressem quaisquer erros no que havia dito por último.

“... No ano quatro bilhões, novecentos e oitenta milhões, uma garota especial irá nascer. Você poderá nomeá-la como desejar. Não entrarei em detalhes, mas uma descoberta exigirá uma cosmocalculista — você saberá o que isso significa no tempo certo. Ela deverá ser escolhida. Após isso, uma máquina terá de ser construída seguindo as especificações da esfera que se encontra neste momento no meio da mata... Mais uma coisa. Isso é importante. Essa esfera precisa conter um mecanismo que faça a garota escolhida assumir uma forma completamente humana, tornando possível sua sobrevivência aos raios de Sol desta geração.”

A mente avançada do autômato assimilou rapidamente as informações. Os cálculos apresentados estavam corretos. Keyra voltou ao trabalho. Suspirou de alívio.

Estava particularmente feliz ao ver Daniel naquela manhã. Correu e o abraçou, gesto que o surpreendeu. Arrastou-o para o jardim e o fez deitar ao seu lado.

O Sol Amarelo... Era lindo. Quente, aconchegante, reconfortante...

Estavam certos. Yves estava certo. A solução era simples. O futuro estava salvo e agora ela poderia desfrutar exatamente do que faltava no longínquo ano de cinco bilhões: o contato humano, sua criatividade e, principalmente, filhos. As mentes estagnadas dos autômatos haviam perdido seu diferencial: uma mente humana que as guiasse para além do óbvio, além do certo e errado, do zero e um.

Atravessar a galáxia não era problema para quem persistia em sonhar...

V (Os períodos ocultos)

No ano de dez mil e um, apesar dos avanços científicos, a humanidade começou a definhar, contrariando as expectativas.

O Sol estava diferente. A alteração era quase imperceptível, mas a radiação aumentou em pequena escala. O projeto ‘Dandrew’ prosseguia ativo e com sucesso. O autômato AMG I já estava responsável por um terço do banco genético do mundo. Mas era um trabalho exaustivo, mesmo para uma máquina. Foi nesta época que AMG I deu início à construção de sua versão dois, seu irmão. Mais avançado, mais capacitado, mesmas memórias. Apenas um cérebro diferente.

Levaria tempo, mas isso ele tinha de sobra — fato que o levaria posteriormente a denominar seus irmãos de “tecnoeternos”. Caso apresentassem falhas no sistema ou peças desgastadas, poderiam consertar a si próprios. Foi a partir deste ponto de vista que AMG I deu o próximo passo, mas de forma diferente. Os humanos estavam fadados à extinção e não havia recursos na época que pudessem abreviar este fato. Guardou em seu banco de dados as informações e os materiais genéticos disponíveis.

No ano vinte mil, seu terceiro irmão foi criado e o embrião do que viria a ser o Conselho estava completo. Os humanos restantes já trabalhavam na teoria e prática de viagens espaciais para dentro e fora da galáxia. A constituição da esfera encontrada e os estudos relacionados a ela finalmente demonstravam seus primeiros frutos.

Os autômatos AMG II e AMG III ficaram interessados na questão. O Sol explodiria aproximadamente em quatro bilhões, novecentos e noventa e nove milhões e novecentos e oitenta mil anos segundo seus cálculos e, tendo a certeza de que não conseguiriam fazer nada para atrasar ou parar esta força cósmica, sair da galáxia parecia ser a melhor opção, enquanto podiam.

AMG I não gostava da ideia. Sair da galáxia não estava nos registros do contínuo. O que aconteceria se, antes do ano um bilhão, todos saíssem de seu planeta natal e viajassem até uma galáxia distante, deixando a Terra vazia? Conhecia os fatos pós-bilhões, mas não os anteriores. Estava confuso e não poderia contar com a ajuda de seus irmãos. A humanidade precisava existir por mais alguns anos para que tudo fosse esclarecido.

Mas eram tão frágeis. O Sol começava a lhes fazer mal.

Então, a pergunta que costumava assombrar os cientistas surgiu na mente de AMG I: “E se?”

Modificou algumas características genéticas e iniciou seus testes.

No ano trinta mil, as primeiras naves estavam prontas. No entanto, infelizmente, a radiação eliminou o que restara da humanidade. AMG I buscava uma cura para aquela anomalia. Realizava várias experiências, com pouco sucesso.

Seu irmão mais novo, AMG IV, estava à frente do projeto relativo às naves. As consequências que isso traria poderiam ser irreparáveis. Eles deveriam achar um meio de trazer a raça humana de volta e não somente avançar em tecnologia. O problema é que apenas AMG I pensava assim.

Enquanto continuava a estudar a radiação, suas cópias abandonaram completamente a tarefa, se dedicando apenas à exploração tecnológica.

O que fazer já que eles eram eternos? Somente uma medida extrema os conteria. O problema é que as viagens espaciais seriam atrasadas em bilhões de anos. Teria este direito?

A solução estava na esfera. Era a única superfície grande o bastante para reverberar um pulso eletromagnético que desligaria tudo por incontáveis anos. Inclusive eles, no processo. Era bem arriscado. Buscou informações de mais de vinte e sete mil anos atrás. Uma garota esbelta compartilhou uma história interessante, hipotética, sobre um futuro regido pela genética. Se ela havia pedido especificamente para ele escolher uma pessoa em um evento futuro, era certo que ele também deveria estar lá. Acima de tudo, lógico.

No ano trinta mil e cem, uma explosão de magnitude inimaginável desintegrou a esfera. Fortes e incríveis relâmpagos azuis impediram a entrada da luz do Sol por alguns minutos. A onda de choque foi tão grande que varreu toda a vegetação local. Todas as tecnologias que estavam em operação cessaram no mesmo instante. Os autômatos foram desligados. As naves estavam destruídas. E o sonho... Perdido.

Seguiu-se uma era de escuridão.

Por aproximadamente novecentos milhões de anos, a Terra permaneceu vazia. Um silêncio como há nunca se via. O planeta estava vazio.

No ano um bilhão, muito tempo após a Terra ter se recuperado, o primeiro autômato acordou de seu sono profundo. A primeira diretiva entrou em ação. Passou a consertar seus irmãos. Não sabiam onde estavam; quem os havia construído e para quê. Algumas informações estavam completamente dissolvidas devido ao tempo, como o projeto de viagens espaciais ou o fato de terem sido atingidos por uma onda desconhecida. Mas, como foram construídos com uma liga de material resistente, o banco genético permaneceu intacto em seu interior.

A estrela próxima brilhava de forma estranha. Segundo seus cálculos, ela explodiria em quatro bilhões de anos e os levaria consigo.

Aí estava seu novo objetivo: curar o Sol. Ou quem sabe, sair dali, viajando para outras galáxias. De alguma forma este último pensamento não agradava AMG I.

Quando se tratava de viagens espaciais, os cálculos eram irregulares por algum motivo. Precisavam de ajuda. Algo que transcendesse os dados necessários... Algo que expressasse... Criatividade.

Recorreram ao banco genético.

E assim, os primeiros seres humanos adaptados à nova luz solar vermelha nasceram. Sua constituição era semelhante, mas sua pele semitransparente. Cada um era criado de acordo com a característica necessária para a execução de determinado trabalho. Deveriam agir em conjunto para o bem estar de todos. Conhecer sua história a partir de um bilhão era um requisito indispensável. Não existiam segredos. Quando alguém insistia em perguntar de onde os autômatos vinham, simplesmente informavam que eram eternos. Haviam acordado e iniciado seu plano de evolução. Não existia nada antes.

Mais tarde isso veio a se tornar a lenda dos períodos ocultos.

De vez em quando, muito raramente, nascia uma criança especial — capaz de cálculos complexos e ao mesmo tempo demonstrar sentimentos inexplicáveis. Os autômatos não possuíam nome, mas como precisavam chamá-los de alguma forma, inseriram um número de série em cada novo membro daquela sociedade. A primeira criança especial veio a ser uma cosmocalculista, que ganhou a seguinte denominação: CG0.999/KYR.

Aquele nome lembrava alguma coisa, mas não conseguiam acessar os dados perdidos. A imagem mental de uma esfera vinha à sua mente cada vez que pronunciavam este número de série. Era importante demais para ser ignorado. Assim, cada criança que nascia com aquele código genético específico era nomeada como CG0.999/KYR, até que aquilo fizesse sentido algum dia.

A última CG0.999/KYR nasceu no ano quatro bilhões, novecentos e oitenta milhões. Recebeu um nome peculiar: Keyra. Aquele nome lhes soava familiar. Pelo menos era o que um ínfimo byte na mente de um tecnoeterno insistia em “dizer”.

VI (O futuro)

Após a esfera partir, AMG I sentiu uma agulhada nos sensores de personalidade. Havia uma nova ordem: as novas crianças deveriam nascer de forma natural. Permaneceu imóvel por vários minutos, processando os dados. A informação tinha um “peso” de quase cinco bilhões de anos. Os outros autômatos se entreolharam. Os jovens que estavam ao redor ficaram perplexos. Um tecnoeterno poderia ficar doente? Mas não era nada assim. Voltou à ativa. Recuperou-se.

E o futuro também.

O sonho, que havia sido interrompido abruptamente e de forma tão cruel, poderia surgir e crescer novamente. O sistema solar já não era o bastante para aquelas mentes tão desenvolvidas. A galáxia estava de volta às mãos originais. Não pertencia especificamente a Andrew, nem a Daniel, nem a Keyra, e muito menos aos autômatos. Pertenciam à nova humanidade.

O ciclo estava completo. E um novo teve início.

Victor Oliveira de Faria é natural de Caxias do Sul/RS e possui 31 anos. Atualmente vive em Santa Catarina, exercendo a função de assistente administrativo. Há mais de dez anos escreve e publica seus contos em sites de literatura, sob pseudônimo. É entusiasta do gênero ficção científica e procura divulgá-lo.

Hamlet: Weird Pop

Jim Anotsu

Não era costume que ficasse ali até tarde, mas era um dia melancólico e ela gostaria de ficar sozinha por algum tempo. O palco estava vazio, assim como as cadeiras e os corredores. Havia uma mistura de calma e nervosismo naquele momento, como se cada centímetro de espaço lhe afirmasse que as coisas poderiam desmoronar a qualquer segundo. *As coisas desmoronam, o centro não consegue aguentar*, os versos de Yeats bateram em sua cabeça, um pequeno aviso acerca da fragilidade dos planos. Era a primeira vez em que montava uma peça de Shakespeare e a diretora mais jovem — 21 anos — a comandar uma apresentação no Queen’s Opera Theatre.

O teatro era enorme, com capacidade para quatrocentas pessoas, o espaço cultural mais importante da cidade que abrigava uma das companhias de teatro mais famosas do país, responsável por uma montagem de “Arcadia” que recebeu elogios do próprio Tom Stoppard. Também era o lugar em que o pai dela ficara famoso por dirigir Hedda Gabler. Seu pai, que gastou mais tempo ao lado de pessoas fictícias do que com a família. *Paizinho, eu tive de matar-te, Morreste antes que eu tivesse tempo*. Ali estava a chance de matá-lo no único campo onde ainda poderia fazê-lo, no único pedaço onde faria diferença para o velho.

Viola respirou fundo e deixou que seu olhar fosse de um lado para o outro, a decoração com suas flores multicoloridas e as ornamentações que transformariam aquele espaço na sua versão *hipster* e anacrônica da Dinamarca. Tinha como objetivo fazer com que adolescentes e jovens da sua idade se interessassem pelo trabalho do bardo, não da forma pesada e cheia de pompa e circunstância da adaptação de Kenneth Branagh ou da gravidade com que Olivier entregava os seus monólogos. Não. Seu Hamlet seria diferente, um reflexo da sua geração desiludida e melancólica. Um Hamlet de flanela e All Star que hesita antes de respirar. Não havia nenhuma outra história que capturasse o século XXI daquela forma, pensou, todas as dúvidas, falta de perspectiva e a incapacidade de tomar uma ação decisiva na hora certa. Um mundo sem a força de Fortinbrás ou a sabedoria de Horácio.

— Viola Wright?

O som de seu nome roubou o devaneio e ela se virou para observar o visitante, uma ação da qual se arrependeu no próximo segundo. Havia ali uma criaturinha de baixa estatura e orelhas pontudas, seu nariz era pequeno e um pequeno par de chifres despontava na cabeça, os pés descalços estavam sujos de lama. Poderia ser facilmente confundido com uma criança não fossem as suas características particulares e a roupa feita de folhas verdes com um suspensório vermelho.

— Quem é você? — Disse ela controlando a vontade de perguntar *o quê*. Ponderou se estava começando a enlouquecer por causa de todo o stress. Seu visitante fez uma mesura antes de responder:

— Meu nome é Puck, represento a Oberon & Titânia Advocacia Sobrenatural e eu estou aqui a serviço do Sr. William Shakespeare. Ele gostaria que a senhorita cessasse e desistisse do uso de sua peça sem a devida autorização.

A criatura enfiou a mão dentro de sua roupa e tirou um pergaminho enrolado que entregou à Viola, que o tomou em mãos ainda sem saber se fugiria dali pela situação em si ou pela natureza do pedido. Uma parte do seu cérebro não conseguia afastar o pensamento de que aquilo era o início de um caso de esquizofrenia, havia, inclusive, um caso desses na família, um primo distante. O que seria de uma ironia tremenda, passar por um surto alucinatório justamente quando trabalhava numa peça acerca de um príncipe que se finge de louco. Viola abriu o pergaminho e leu as linhas com cuidado.

Livra-te, meu caro amigo, por amor de Jesus, De remexer na poeira encerrada aqui, Bendito seja o que evitar estas pedras, E maldito o que incomodar os meus ossos

Ela reconheceu as linhas imediatamente, era a maldição que estava gravada sobre o túmulo de William Shakespeare em Stratford-upon-Avon que impedia até mesmo reformas na lápide. Era uma maldição muito famosa entre os adeptos da bardolatria e fazia com que milhares de pessoas peregrinassem até a Igreja da Santíssima Trindade para ver de perto o túmulo e a mencionada ameaça.

A jovem olhou de volta para Puck e deu a única resposta em que conseguia pensar:

— Eu não entendo. Isso se refere aos ossos de Shakespeare, o que isso tem a ver com a minha peça? O duende coçou a cabeça e disse:

— Shakespeare. O homem adora escrever bonito, o que é um problema, legalmente falando, abre precedentes para um monte de coisas, mas o fato é: Ossos, nesse caso, se referem ao trabalho artístico e intelectual do mencionado. Assim sendo, ele decide usar dos seus direitos de defunto autor e autor defunto para impedir a estreia de *Hamlet: Weird Pop*.

Aí já era demais! Aquela apresentação era sua oportunidade de mostrar aos críticos e ao público que não era um caso de *One Hit Wonder* e que o seu sucesso precoce era fruto de seu próprio trabalho e apuro. Gostaria de mostrar que era tão boa quanto o seu pai e a melhor diretora a surgir em anos, nem mesmo William Shakespeare ficaria no seu caminho. Viola rasgou o pergaminho em mil pedaços e atirou-os contra o rosto de Puck. Mesmo que estivesse no meio de um episódio psicótico, Viola era o tipo de pessoa que brigaria contra a alucinação até que a mesma admitisse estar errada. Esfregou as palmas das mãos uma na outra, como fazia quando ficava nervosa, e retorquiu:

— Ele não pode fazer isso, ele está morto há quatrocentos anos... Se isso não é domínio público, eu não sei o que é. Com que base vocês estão fechando a minha apresentação?

Puck levantou os ombros.

— Novas leis no meio editorial do Além — foi sua resposta. — O período de *copyright* passa a ser de oitocentos anos a partir de agora. Eu sei que é uma coisa difícil de aceitar, mas você deveria se considerar feliz de o Sr. Shakespeare não levar o caso até a corte. Jane Austen conseguiu uma execução por raio contra o homem que cometeu “Orgulho, Preconceito & Vampiros Adolescentes”.

Viola sentou-se num dos assentos e colocou as mãos na cabeça:

— Eu não posso simplesmente cancelar a apresentação, está tudo preparado. A cidade inteira vai estar aqui, todo o *jet-set* e as pessoas importantes. Por que Shakespeare não gostaria que eu montasse a peça? Ele não deveria estar feliz de uma nova geração gostar do trabalho dele?

Puck virou as costas e observou o palco. Ele parecia calmo e pouco indicava o Puck que ela ouvia nas histórias, o duende travesso e sorridente. Estava diante de uma criatura que mais lembrava um burocrático Bartleby, sério e de fala mansa.

— O Sr. Shakespeare alega que as intervenções não eram do seu agrado. Ele não gostou do fato de Hamlet usar uma camisa do *Simple Plan* durante a peça e não endossa a utilização de uma trilha sonora do Tokio Hotel durante o solilóquio mais famoso.

Viola levantou-se num salto, determinada até a última fibra a lutar pela chance de montar a sua versão de Hamlet. Seu instinto e sua tenacidade haviam lhe carregado até ali, só precisava manter aquelas qualidades por mais algum tempo, até que tudo houvesse passado. Hamlet seria apresentado ao povo da cidade, mesmo que algum juiz sobrenatural sancionasse um raio sobre a sua cabeça.

— Eu preciso conversar com a MINHA geração, Puck! Pense da seguinte forma, milhares de jovens odeiam o Sr. Shakespeare porque professores e críticos colocam o cara lá em cima nas nuvens. Sabe o que vai acontecer se vocês me impedirem de montar Hamlet nesse palco? Vocês estarão destruindo um sonho, o meu e de todos os atores que se dedicaram durante horas para isso, mas acima de tudo, estarão jogando uma pá de terra na literatura. Harold Bloom e os acadêmicos irão morrer um dia, novas pessoas precisam ser atraídas, Puck.

O visitante ouviu cada uma das palavras com atenção e não interrompeu nenhuma vez, simplesmente encarou, até que disse num tom distante:

— Sabe, Srta Wright, houve um tempo em que o Povo Bom se divertia. Em que essas peças eram encenadas nos nossos salões e o mundo das fadas ficava logo após a colina. Há muito tempo, na verdade. Dias em que essas peças serviam para divertir os ombros cansados.

— Então me ajude a trazer isso de volta, pelo menos por uma noite, apenas desta vez, deixe eu que divirta pessoas, Puck.

— Eu não poderia fazer isso, Srta. Wright. O Sr. Shakespeare é um dos clientes mais valiosos da nossa firma.

Viola jogou-se outra vez na cadeira com um suspiro, incapaz de aceitar o fato de que todo o seu trabalho estava indo por água abaixo por causa de uma pessoa morta há quatrocentos anos. Todo o seu esforço e as centenas de ensaios com os atores e a equipe de produção. Mal podia imaginar como explicaria aquilo aos seus companheiros. *Eu lamento, mas precisamos cancelar a peça porque o próprio Shakespeare não está de acordo com o nosso trabalho e ameaçou nos processar na corte de Zeus.* Ainda estava perdida nos seus delírios de fúria quando o duende tocou a sua mão direita e falou:

— Lamento que eu não tenha encontrado a senhorita antes da exibição da peça. Você não teria como saber que estava processada sem ter recebido a intimação, não é mesmo? — Puck estalou os dedos e a folha que Viola rasgara se restaurou imediatamente e voou para a mão do mensageiro. — Acho que voltarei daqui a alguns anos para efetuar uma nova tentativa de cessar e desistir, tudo fica extremamente lento quando essas coisas caem por acaso na pilha de processos.

A garota não soube o que responder, sua boca formou uma vogal muda e o seu rosto corou imediatamente. Puck sorriu, guardou o pergaminho de volta em sua roupa e começou a caminhar em direção à saída, seus passos leves e ligeiros. Viola tentou formular alguma forma de agradecimento, mas o que saiu dali foi uma pergunta:

— Por quê?

Puck deteve-se por um momento e sem virar-se, respondeu:

— Porque eu vou adorar ver o rosto do Sr. Shakespeare quando *Welcome to My Life* tocar durante o Ser ou Não Ser.

O duende sumiu pela porta em poucos segundos e tudo voltou ao silêncio de antes. Viola sorriu, então ainda havia um pouco do velho Puck ali. O Puck de William Shakespeare e o Puck de Kipling estavam escondidos sob uma camada de seriedade, mas bastaria uma brecha para que o bom Robin Goodfellow mostrasse os dentes, ainda que de forma mais sutil. Talvez fosse assim com as pessoas também, pensou, mesmo que o tempo passasse e elas envelhecessem, havia um pouco das antigas sombras se arrastando em algum lugar. Talvez William Shakespeare tivesse começado a se levar à sério demais depois de morto, mas em algum lugar nas entrelinhas de suas peças, estava o homem de Stratford-upon-Avon que escrevera peças para divertir as pessoas comuns.

Foi com tudo isso em mente que Viola Wright olhou para o falso castelo de Elsinore no palco e chorou até que os soluços lhe incomodassem a respiração.

Jim Anotsu não gosta de chocolate amargo. Costuma escrever coisas que inventa e essas coisas são publicadas em papel. É o autor acusado de cometer "Annabel & Sarah" e "A Morte é Legal", assim como alguns contos em coletâneas. Seu próximo livro será publicado pela Editora Gutenberg em algum momento do universo. Ele tem uma gata chamada January e uma noiva.

Código Fonte

George Amaral

— Ainda usando esses discos BluRay, William? — comentei com o velho barman. — E que música é essa?

Eram pontualmente seis e meia da tarde da sexta-feira. O RetrôPub estava cheio de geneticistas da D.N.i. que tomavam uma cerveja antes de voltar para sua porção de horas extras. O Jardim dos Sóis se tornara o grande polo de empresas voltadas para a pesquisa genética de São Paulo, fazendo parte do anel empresarial sul-leste, onde poucos anos antes ficava a favela de Heliópolis.

— Forever Young, clássico dos anos oitenta — William respondeu. — Já tem mais de quarenta anos, você nem tinha nascido — rabugento, ele levantou as sobrancelhas para mostrar os grandes olhos negros sem as lentes digitais que todos usam atualmente. — E não confio nessa de usar tudo alocado nas nuvens, gosto do bom e velho disco que posso tocar quando quiser.

— O termo “nuvem” não é usado há uns dez anos, meu velho Will. Mas não foi isso que quis dizer. Se pretende ser “retrô” de verdade, tem de arrumar uma boa vitrola de agulha e discos de vinil com rock da época de ouro. Talvez um Led Zeppelin ou Doors.

Will franziu o cenho a ponto de quase sumir com os olhos.

— Tem essa cara de moleque, mas parece entender da vida real, hein, filho.

— Eu sei pesquisar o que é importante, só isso. Passe pra cá um gim com tônica.

O velho enrugou a testa novamente, mas serviu a bebida.

Olhei em volta. Numa mesa redonda do canto estava um rapaz na casa dos 30 anos, moreno, olhos fundos e expressão triste. Bebia sozinho, diferente dos outros cientistas, que se reuniam em rodas. Hesitei por um instante, mas concluí que era quem eu imaginava. Aproximei-me.

— Alexandre? — Perguntei.

Ele não respondeu, parecia perdido em pensamentos. Tomava uma dose de conhaque. Repeti a pergunta, ele se sobressaltou e olhou para mim, em dúvida.

— Não se lembra de mim, não é? Sou o Cris, da sua turma na faculdade.

— Ah! Lógico, como pude esquecer. Já foram tantos anos, não é? Venha, sente-se.

— Passou um bom tempo, realmente — puxei uma cadeira para me sentar. — Desculpe se atrapalhei seus pensamentos. Parecia preocupado.

— Não se desculpe. Fantasmas rondam minha cabeça.

— Às vezes é bom colocar os fantasmas para fora, talvez eles não voltem. Se quiser conversar com um velho amigo, ainda estou no primeiro gim.

Alexandre me olhou desconfiado e eu fingi que não percebi.

— Esses dias mesmo eu estava recordando as coisas que aprontávamos na faculdade — continuei. — Bons tempos. Lembra-se de quando hackeamos a câmera contextual do uniforme das jogadoras de vôlei? “Dez ângulos diferentes de visão do vestiário”, você disse. Só não pensamos que logo as roupas iriam para o cesto e perderíamos a melhor parte do show.

Alexandre deu um sorriso falso.

— Ah, é mesmo, é verdade.

— Lembra-se do que disse depois?

— Hum, tentar outras câmeras?

— Exato, nas toalhas! Mas naquela época os tecidos ainda não tinham processamento suficiente para

filmar e também absorver água. Você sempre pensou à frente do seu tempo.

Terminei o gim e ele o uísque. Um silêncio constrangedor pairou entre nós até que Alexandre decidiu falar.

— O problema é meu... pai — ele suspirou. — O velho Gomes está em uma casa de repouso mental. Sofreu um surto alguns dias atrás e agora diz que não é ele mesmo. Afirmo que sou eu e que eu sou ele. Sim, ficou louco, de fato.

— E isso começou sem nenhum motivo? — Incentivei.

— Não, eu acho que foi resultado da nossa pesquisa dos últimos vinte anos. Eu era ainda criança quando meu pai começou a estudar sobre as causas do envelhecimento. Seu principal foco eram os telômeros, a substância que protege a integridade do cromossomo e permite que as células se dupliquem. Com o passar do tempo os telômeros diminuem, a reprodução das células fica mais lenta até que para completamente e a pessoa morre. Nosso objetivo era encontrar um remédio ou vitamina que impedisse a deterioração dos telômeros e, conseqüentemente, evitasse que as células diminuíssem a duplicação e o corpo se mantivesse jovem.

“Tudo ia bem até o orçamento estourar. A pesquisa era extremamente cara e a universidade não podia arcar com todos os custos, então nos pressionaram para conseguir fundos ou parcerias para fornecimento de equipamentos e suprimentos. Foi uma época difícil em que quase desistimos. Fomos obrigados a demitir o professor León, que estava no grupo desde o começo. Indignado, ele tentou levar consigo algumas patentes, mas a universidade estava do nosso lado e León levou só o que merecia.

Pouco depois fechamos uma parceria com uma grande empresa de processadores, que foi a salvação para nossos problemas financeiros. Nosso conhecimento sobre reprodução celular era a peça que faltava para a criação dos microchips intracorporais – os intrachips – que quase todos os médicos aplicam hoje, capazes de navegar na corrente sanguínea e emitir remédios se necessário. O efeito deles nos telômeros ainda era apenas preventivo, mas estávamos avançando, e o dinheiro dos chips permitia investirmos em outras vertentes.

Sintetizamos substâncias que aceleravam a regeneração das células fibrosas da pele e dos músculos. Esses intrachips possibilitaram uma revolução nos tratamentos de beleza, sem os efeitos colaterais dos antigos métodos que enrijeciam a pele e deixavam as mulheres deformadas. A indústria de cosméticos nos despejava um caminhão de dinheiro toda semana.

Essas são apenas algumas das muitas descobertas que fizemos ao longo desses anos que hoje estão espalhadas pelas prateleiras de farmácias, lojas de esportes e suplementos, além de hospitais e clínicas. Tudo sempre com o objetivo de retardar o envelhecimento. Porém, nada ainda é capaz de parar ou, mais ainda, reverter o processo, o que buscávamos desde o início.

Apesar de não faltarem recursos, não avançávamos mais nas pesquisas e, para piorar, meu pai descobriu um câncer generalizado. Seus telômeros haviam se transformado em uma verdadeira arma contra o corpo, multiplicando células em uma taxa absurda. Sem dúvida, a exposição a tantas substâncias durante anos de pesquisa afetou seu organismo. Mas todo risco era pela pesquisa. Ele chegou até a se submeter a experimentos arriscados na tentativa de reverter seu próprio envelhecimento.

Pesquisamos dia e noite por uma cura, mas tudo que tentamos pareceu intensificar a ação do câncer. A doença já havia se tornado pública na comunidade científica e o velho professor León, aquele mesmo que havíamos dispensado — e quem dera nunca tivéssemos lhe dado ouvidos novamente — apareceu em nossa porta com uma cura milagrosa. Disse ter seguido com as pesquisas por conta própria em laboratórios subterrâneos, pois era acusado de roubar direitos autorais que julgava serem seus. Alegou, arrogante, que, mesmo sem as condições ideais, descobrira o segredo para vida e morte.

Segundo ele, os cromossomos, telômeros e células eram apenas um espelho de uma matriz primária gravada em áreas não estudadas do córtex cerebral. Tratava-se do código-fonte de cada ser humano, registrado quimicamente em pulsos elétricos entre os neurônios.

Não acreditamos muito, mas topamos realizar o experimento, que consistia em nós dois deitarmos em macas lado a lado e interligados por fios. Nos monitores, León delimitou as áreas dos nossos cérebros onde circulavam os pulsos elétricos matriciais, para que meu código-fonte dissesse às células desordenadas de meu pai como se comportarem de forma saudável. E, então, ele ligou as chaves. Recebemos uma carga de eletricidade de seis mil volts, que devia ser suficiente para trazer um morto de volta à vida, ao estilo dos filmes de terror do século passado. Eu teimava em acreditar que funcionaria, era a última chance de meu pai.

E funcionou.

Meu pai se curou do câncer, mas perdeu para sempre sua lucidez. Às vezes me pego pensando que seria melhor ele ter morrido como o cientista brilhante que era do que viver mais alguns anos como um louco.”

Deixei o RetrôPub refletindo sobre toda aquela história e decidi visitar o velho Dr. Gomes para confirmar seu estado.

Casas de repouso mental eram uma espécie de spa psicológico. Tratamentos agressivos e confinamento total não eram mais utilizados há décadas, substituídos por terapias de convívio e estímulo do eu interior.

Encontrei Gomes na frente de um videogame qualquer, interagindo com o cenário que era projetado ao seu redor. Pulseiras discretas davam aos nervos das mãos e dos braços a sensação de peso e resistência dos objetos, como a arma de raios virtual que ele segurava e apontou para mim quando cheguei perto. Tudo sumiu quando ele saiu do raio de ação dos sensores.

— Cris! — Gomes me reconheceu imediatamente, como Alexandre faria. — Sabia que algum dos meus amigos viria me salvar dessa loucura!

— Dr. Gomes, fico contente em vê-lo em boa forma.

Apesar da aparência enrugada e a pele cheia de manchas, o cientista parecia disposto e ativo. Tinha apenas setenta anos, afinal.

— Eu não sou Gomes! — Gritou.

— Ora, acalme-se! Venha, conte-me o que está havendo.

Sentamos em um banco no meio do jardim, distantes de ouvidos curiosos.

— Eu não sou Gomes, sou seu filho, Alexandre. Meu pai anda pelas ruas vestindo meu rosto e minha juventude enquanto eu definho nesse lugar. Tudo graças ao maldito León e sua máquina de terror. Ele prometeu a cura para o câncer de meu pai e de fato o fez, mas à custa de minha vida. Não tenho o câncer, mas perdi todo o resto. Não sei como o processo aconteceu. Quando acordei do experimento estava com a cara e a idade de meu pai, mas ainda tinha as marcas da queda que sofri quando instalamos aquelas nano câmeras nas toalhas de banho das nadadoras da seleção estudantil. Lembra-se de quando caí naquele fosso?

— Claro! — respondi.

Ele fez questão de me mostrar as marcas de cicatrizes profundas em suas costas.

— Não culpo meu pai pelo que aconteceu, pois ele não sabia qual seria o resultado da experiência. Mas, por me deixar apodrecendo aqui e nem mesmo vir me visitar eu lhe desejo de volta o câncer e, ainda mais, que definhe e morra.

— Acalme-se, eu prometo que vou verificar isso a fundo.

Entrei em casa, cumprimentei minha linda e jovem esposa e meu filhinho de um ano, tão envolvido com um jogo, que nem me deu atenção. Desci, então, ao apartamento no andar de baixo, que havia alugado para o laboratório. Entrei na sala antirruído, onde mantinha minha mais recente criação: eu mesmo.

— Pai... — a criatura resmungou. — Piedade. Eu não contarei nada, juro. Tire-me deste quarto. Sempre fui leal a você.

— É verdade, manteve-se próximo a Alexandre e Gomes sem levantar suspeitas. Nunca descobriram que era filho de León des Ponces, e menos ainda que me transmitia os segredos das pesquisas. Mas, mesmo assim, não posso correr o risco de você andar por aí, com a minha cara, dizendo bobagens, como está fazendo seu amigo. Por sorte, estamos na era dos mundos de mentira, e as verdades se tornaram tão obsoletas. Vou trazer para você também um videogame imersivo, talvez esqueça que existe uma vida fora desse quarto, como tantos jovens de hoje.

— Pai, faço qualquer coisa.

— Cristiano, meu filho. Tenho pena de você. Mas a única coisa que te pedi, devolveu com uma farsa. Pedi uma simples memória de faculdade, e você me contou tudo errado. Ainda bem que Gomes não sabia da história e concordou com tudo, e não tive tempo de falar nada para Alexandre antes que ele mesmo denunciasse a verdade. O que esperava? Que notassem a mentira?

— Não me crucifixe por isso. Por favor.

— A escolha foi sua. Tinha opção de entregar seu filho para o experimento, mas escolheu morrer por ele.

— É só um bebê!

— Tem razão. Talvez a experiência nem funcionasse. Ou pior, eu poderia reverter a um ano de idade. Seria um tédio voltar a usar fraldas. Mas ele ainda será útil.

— Fique longe de meu filho! E de minha mulher!

— Será um tanto difícil. Ainda mais, porque agora sou você, o jovem Cris des Ponces, que tem em seu futuro a fundação de uma maravilhosa cidade de ouro, com uma imensa fonte ao centro no formato de um relógio quebrado. E você, o velho louco León, que desapareceu em uma viagem à Guatemala aos noventa anos.

— Não, olhe para mim... Sou seu filho!

— Quando olho para você, é como se olhasse para um espelho. Mas, diferente de todo homem desde Narciso, eu não estou mais preso ao meu reflexo. Venci minha Nêmesis e fiz de você um eco de mim mesmo a definhar nesta caverna tecnológica. Dorian Grey me enviará cartões postais do inferno, pois minha alma mantenho livre de molduras.

Saí e fechei a porta para sempre.

George Amaral é paulistano, formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de São Paulo e em Roteiro Audiovisual pela PUC-SP. Cursou Design Gráfico e da Imagem na Escola Panamericana de Arte e História em Quadrinhos na Quanta Academia de Arte. Atua como gerente de marketing, consultor de arte para editoras, ilustrador de livros infantis e escritor de literatura e roteiros. É fundador do Gonf Studio, voltado para design, ilustração e projetos criativos.

A Maldição das Borboletas Negras

Albarus Andreos

Jubelina veio ao lume vinte anos após a morte de Astroaldo.

Era prima-irmã deste, mas nunca o vira. Ouvira, sim, lá pelas tantas, suas histórias de terror, de como convidara o próprio demônio para comer algumas castanhas em sua toca, no capinzal.

Era, como aquele, filha das criaturas do charco. Amiga das borboletas pretas, comia grilos e joaninhas quando batia a fome. Mas andava querendo mais. Despiu-se de ninharias e passou a saborear coelhos e quero-queros desavisados. Logo viu-se a babar babas de fome por causa de cotias, caititus, veados campeiros de galhada já crescida e acostumou-se a refestelar-se.

Nunca se convencera de que poderia ser tão famosa quanto o primo, mas, por isso mesmo, abanou a poeira da crista peluda e decidiu deixar o fosso em que vivia e ganhar o mundo, aspirando engrandecer seu nome.

Elevou primeiro o cocoruto por cima da terra. Olhou em volta procurando defuntos e não os viu, graças a Deus! Defuntos eram casas ocas que poderiam abrigar almas deturpadas. Cascas prontas a soerguerem-se do chão para aprontar maledicências e magias. Vendo o campo santo, só as cruzes do cemitério a assustavam por lembrar-se das histórias dos caça-monstros que outrora existiram. Talvez ainda caminhassem por lá e por cá, pisando o pó dos ossos dos mortos de outrora; portanto não custava ter cuidado.

Sentia vontade de ver como era o céu, visto cá por baixo, que por cima nunca veria mesmo. Uma vez acendera uma lamparina e levantara o braço por debaixo da terra para ver se seus olhos poderiam se acostumar à luz e assim ver, além do chão de terra, o céu enegrecido lá de cima, mas que nada. Era criatura das amaldiçoadas, das que se conta em histórias agourentas. Dizem que matava criancinhas, embora sequer um dia tivesse visto alguma. Arre!

Cutucou uma cárie no dente comprido que se projetava bocarra afora e sibilou com a dorzinha. Precisava testar as armas. Piscou ao ver a cara do dia, que desconhecia por completo. Lamparina nunca chegaria ao fulgor, que até fazia doer o lado de trás da cabeça, dentre os miolos. Matutou se deveria emergir toda do solo ou se cuidar para só se atirar ao tempo quando chegasse a noite, sua mãe. Içãs passavam — houvera noite com chuva e o dia amanhecera quente. Comeu um só, para não perder o apetite.

Teria que matar algo vivo?, perguntou-se. Sim, pois de que me adianta me retirar daqui se não puder fazer algum mal? Algum malzinho que um caboclo conte a outro, para dar algum valor à aparição. De que adianta sair para enfernar a vida dos viventes se não puder usufruir da glória de ser temida?

Resolveu então pôr-se à caça de algum gado. Algum cabrito que o fosse. Estripá-lo e deixá-lo na encruzilhada para dar valor à façanha.

Levantou então o corpanzil, o vento levando suas catingas para longe, assustando as varejeiras que nunca viram algo do tipo movendo-se por si só. Cavoucou com as patas o areião e atirou o pó para os lados do caminho, claudicando o chão fofo.

Grunhiu porque achava que seres de sua natureza deveriam emitir algum ruído assustador, mas não achou o resultado agradável e nem sentiu que o miado que fizera fosse assustar realmente. Deveria se aperfeiçoar na arte de amedrontar se quisesse que seu nome estivesse ao lado dos seres mais tenebrosos e já com fama garantida. Teria tido um tio, se fosse gente. Seu nome teria sido Lovenácio, e teria sido um lobisomem, mas esse haveria de ter-se arriado com as quatro patas para o ar depois que um fazendeiro o

atingisse com bala de prata no coração, que de tão negro quase nem haveria de bater. O mesmo nunca aconteceria com ela, é claro.

Com ela, não! Levantava-se do túmulo para ser temida, e temida famosa, e temida famosa que não se deixava abater por artifício do homem, fosse de prata ou de mão santificada. Dos santos não receava nada, era filha da noite com o pai do escorpião. Era chamada de fera e sabia o valor da maldição.

Comera já uns tantos e não era mole não! Neta de papa-defunto, vinda da aurora verde-amarela da nação.

Saiu pelo reto do caminho que seguia ao lado do córrego da Santa Luzia, fazenda próspera, cheia de holandês e produtora de leite branco-amarelinho, que todo dia era recolhido pelo caminhão que levava os tambores para o laticínio, deixando os bichinhos das vacas mortos de fome. Se havia gente ruim assim não precisavam dela para assustar lá por aquelas bandas. A fome era algo a ser respeitado, a ser evitado. Ela mesma tinha muita fome e deveriam temê-la como ao diabo. Decidiu procurar algo mais adiante, praqueles lados da fábrica de fécula, onde se erguiam os três pares de coqueiros altos na entrada.

Foi e no caminho fez sua primeira vítima. Um branquelo cujo nome lhe falhava, se é que algum dia o conhecera, mas que era filho de uma cozinheira, amancebada com o cobrador da estação.

Comera-lhe o fígado enquanto ainda gritava, mas não deixara vestígio de sua sapiência, pois morreria logo. Erro, não poderia sair por aí contando sobre ela, o que diminuía a chance de ficar reconhecida. Contudo lhe achariam a carcaça mole ainda, com o sangue a alimentar os vermes da terra, que sempre cobraram dela mais alimento do que já fornecia, quando matava pequenos animaizinhos pelo restolho do capim.

Então, de noitinha apareceu um caipira que logo ativou o carro da polícia que de lá não arriou até tomar várias providências que Jubelina não sabia ou não entendia.

Eles foram embora levando o corpo, mas a coisa ainda estava com fome e decidiu matar outro, e agora, com a noite a lhe escoimar pelas costas, acharia um jeito mais fácil de tornar-se temida. O local predileto dos que contavam vantagens do homem sobre as feras da natureza antiga eram as igrejas que infestavam os sertões. Lá poderia achar uma ou duas das beatas faladeiras e botar-lhes os buchos em aberto para o ar ficar mais quente.

Caminhou se retorcendo pelo caminho pedregoso até chegar numa escolinha de crianças da ralé local. Lá havia milhares crescidos de espigas novas. De súbito sentiu um cheiro nauseabundo. Muito diferente do seu próprio, mas advindo de uma coisa da qual não entendia a feitura. Havia mais criaturas escondidas perpetrando malvadezas por ali, apercebeu-se. Não gostava de concorrências, poderia ela é estar invadindo o território de outrem, o que não lhe agradava na ideia. Afinal, fora ela a engenhar sair das tumbas paraaldiçoar a região onde nunca estivera antes. Deixaria aquele local, onde os meninos aprendiam sobre como ser melhor na vida. Nunca aprendiam nada!

A escolinha já tinha dono. Pediu desculpas às sombras que se sentavam sobre a cercania e se retirou de costas, numa reverência, que de bons modos não poderiam acusá-la de faltar. Ela era formada por muitas, e cada uma das que a compunham fez o sinal da cruz enquanto saía.

Partiu para os lados do Riachão, cujas bordas estavam peludas de galhos e vegetação arrancada dos barrancos pela enchente da última chuva. Os nacos de barranco enlodavam a água, deixando-a mais turva do que de costume, com uma aparência inchada de cadáver afogado. Duas léguas depois ouviu certo ruído de falsete vindo detrás de uma moita. E não era que lá estavam dois marmanjos praticando safadezas! Um dizia vai e o outro ia. Que pouca vergonha que nem nos confins do universo jamais se vira! Foi lá a coisa braba e papou os dois malandros que nunca mais viram a luz do dia. Comera-lhes fígado e coração, que era para não haver jeito de alguma coisa macabra lhes restaurar os sentidos, por algum artifício do maligno.

Então sentiu a espinha doer. Era a tal coisa que lhe espreitava de longe; aquela lá do milharal da escolinha. Arriou os tentáculos, deixando à mostra a bocarra de dentes carcomidos. Miou mais uma vez antevendo um embate antológico, mas de nada adiantou. O bicho da escuridão não se atreveu a mostrar-se

como manda as boas práticas. Rejeitando o desafio meteu-se com os rabos por entre as patas e não se dignou a anunciar-se.

Jubelina arregalou-se toda com o prenúncio do temor que já poderia estar despertando nos outros, mas eram os homens quem pretendia aporrinhar, pois eram eles os descendentes dos caça-monstros, que com suas bandeiras embrenhavam-se pelos sertões de São Paulo e Mato Grosso, chegando muitas vezes lá pelos lados dos Goiás. Caçadores cruéis de assombrações e de pedras preciosas que praticavam vilanias; capturavam índios como se fossem eles também criaturas sem alma e vendiam-nos depois aos padres tonsurados da Companhia de Jesus, que os pagavam com o dinheiro de óbolos.

Caminhou como sonâmbula, pois seus olhos tinham propensão para o sono desde jovem. Muitas almas atormentadas não se tornavam assombrações por decidir dormir o sono, ao invés de perambular, sem descanso. Assim, só os tormentos mais profundos, dilacerantes, eram capazes de mover o sopro do espírito pelos charcos, interminavelmente; ou até que lhes dessem o descanso por lhes resolverem as pendências. Os lamentos mais terríveis ainda formavam criaturas diferentes de toda a natureza. Como Jubelina. Gostava tanto de dormir que sua mãe se fizera noite, para espairecer e sorrir enquanto levava-se levitando em seus braços cor de mogno. Mesmo o interior das covas era da cor de mamãe, para poder se ligar a ela onde quer que estivesse... Cheiro da terra fresca com minhocas gordas. Mas nem isso a mantivera dormindo para sempre.

Viu então a lua no céu de diamantes esplendidamente espalhados pelo lá e cá e ainda mais distante, onde nem olhos de assombração alcançavam. Era um não sei o que de pisca-pisca vagalumeante e as luzes todas pareciam se falar sobre Jubelina que saíra do lar de seus parentes mortos para assustar até não poder mais.

Foi-se então por mais léguas cheias de vento, margeando o caminho d'água.

Seria um garoto que naquela beira do Riachão espetava um verme num arame retorcido preso à linha de uma taquara? Sim, seria.

Jubelina não poderia lhe faltar, na qualidade de um ser tão especial que apreciava fígados frescos. Deveria lhe alcançar antes que fizesse algum mal aos peixes da água doce. Estirar-lhe-ia um tentáculo, agarrar-lhe-ia as canelas. Fá-lo-ia plantar uma bananeira sem que alcançasse o terreiro. Chacoalhá-lo-ia até as lágrimas molharem suas sobranceiras tristonhas. E então deixaria que se fosse, todo cagado, avisar as redondezas. Sim, deixaria que se fosse.

Assim foi, e Felipe da Silva Assunção, filho de Zé Guilherme Assunção, pintor, correu arrancando o mato da frente, aterrorizado, para avisar sobre o pretume endemoninhado que parecera surgir do nada. Quase lhe arrancara a cara de sobre os ossos da face, tal qual sua feiúra, e desejara chupar-lhe o sangue da medula... Coisa besta! Quem fazia isso era o velho Astroaldo, finado.

Ela ficou louca de excitação. Saberiam sobre ela com todos os requintes de uma crueldade que nem chegara perto de praticar. Junto com os outros cadáveres que deixara, este que fugira, achando-se esperto, faria o trabalho para ela. Logo seria respeitada por gerações naqueles rincões de fim de mundo, onde as estradas cobertas de piche que levam aonde vivem as esperanças, nem longe passavam.

E assim se sucedeu desde então, pois naquela mesma noite, mal a Lua caminhará bom caminho, veio uma matilha de cães de caça, homens armados de porretes e enxadas de trabalho e, capitaneando a mal formada coluna, o tal fazendeiro matador de lobisomens de arma na mão, muitos anos mais velho do que Jubelina imaginava. "É boitatá" uns diziam. "É o chupa-cabras", outros. Mal puseram os olhos nela, veio-lhe três saraivadas de sal grosso no quengo. Aquilo doeu pra caramba e a luarada ouviu seu miado de longe! O lamento dos que se preparam para a morte. Quem se atreveria a lhe dar tiros de sal quando as balas de prata já haviam servido a outros?

Mas era só o sal que lhe afetava a escuridão do meio do corpo. Àquela que lhe animava as partes moventes, como a alma luminosa das pessoas fazia com seus fiapos de carne. Ela atirou-se longe, gemendo de dor e agonizando gritos monstruosos como ela mesma. O Riachão abriu-se numa catarata de

água dando-lhe passagem segura. Lá o sal não surtira efeito e os cães não poderiam lhe rasgar com as dentadas. Ilusão. A água se misturava com a terra da qual era formada. Sentiu-se desmanchando sob o efeito da oscilação do lodo, o sal deixando-lhe as costas, mas envenenando tudo o mais. Sua lama misturando-se ao fundo de grama apodrecida. Traíras vieram lhe morder e seus dentes eram mais numerosos do que os dos cães. Mas não sentia nada. E lá poderia deixar-se enredar, pois o sono lhe chamava de novo, e com mãos de veludo acariciava-lhe os cabelos empretecidos, pondo-lhe covinhas no rosto.

Por último, de esguelha, via de longe uma aparição luminosa que os homens, amedrontados e animados pela cachaça não repararam. Não é que uma das bruxas do convento havia invocado Santa Luzia, de pires na mão, onde repousavam seus olhos ainda vivos, para direcionar os tiros de sal? Os mortos precisavam mais de orações do que as súplicas de uma freira danada. Borboletas negras que eram. Havia tantas almas penadas precisando de reza para arrefecer seus pecados e ainda assim essas irmãs se davam ao desplante de rogar aos vivos...

Então ela viu. Santa Luzia, que nada! Por detrás de um ingazeiro, lá estava o espectro do milharal. O homem de palha, que roubava as criancinhas que se atreviam a se distanciar demais de seus pais e nunca mais eram encontradas. Aquele que botara fogo no convento do capinzal, para apaziguar as sem-vergonhices. Não havia pedido desculpas quando se atrevera a perscrutar os arredores da escolinha? Não fora suficientemente educada afastando-se de lá? Ladrão safado! Havia lhe dedado para que os caçadores armassem seus mosquetes com a munição adequada. Talvez quisesse afastá-la por que via um perigo para si próprio, talvez imaginasse vir a ser deslindado à força de seu local de assombração. Ou talvez apenas se lembrasse... E Jubelina não sabia de quê... Ele queria mandar Jubelina de volta ao cemitério de onde germinara. Local que antes havia sido amaldiçoado pelas irmãzinhas. Antes da tragédia. Borboletas... Antes de virar cinzas sobre as quais foram erguidas as primeiras cruzes do campo santo.

Logo ela, cujo grão era grosso, fazedora de carpideiras. Não teve engodo. Morreu sem dar-se ao mundo como era. Não a reconheceriam pelo nome nem se dariam ao trabalho de averiguarem seu tormento; e sempre achariam que outro era aquele que matara o branquelo e os dois safados detrás da moita. Logo Jubelina, que assumira a forma de Astroaldo, que não assumira a forma de ninguém, agora se lembrava! Vindo pelas frestas das tábuas nuas dos assoalhos das celas ornadas de crucifixos, o demo, invocado das profundezas. Para comer castanhas e fazer-lhes coisas libidinosas. Noivo de todas elas que o convidavam por espontânea vontade, animadas pela solidão e pela luxúria porque não deviam se dispor com os homens mortais. Vinte anos após a morte deste, amante de todas elas no convento do capinzal, como seria dali desde sempre, de novo, de vinte em vinte anos, quando a maldição do convento onde morreram queimadas as irmãzinhas pecadoras, dentro de sua clausura, a coisa emergiria para o mundo dos caça-monstros. Até que as orações dos vivos desapernassem todos os seus pecados.

Albarus Andreos é paulista, engenheiro mecânico, escritor de literatura fantástica, pós graduado em Língua Portuguesa Voltada a Formação de Leitores. Vencedor do Concurso de Contos da UNIMEP de 2009. Autor do romance A Fome de Íbus - Livro do Dentes de Sabre. Participou com contos em diversas antologias. É resenhista de literatura fantástica no blog Menina da Bahia (<http://meninadabahia.com.br/>) e colaborador do site homoliteratus.com.

O Homem Atômico

Cristina Lasaitis

Era um velho mendigo que costumava ser visto com muita frequência pelas esquinas do centro. Não que um mendigo fosse coisa muito notável e digna da atenção de um ocupado cidadão paulistano, mas aquele em particular era de se fazer notar. Era um homem barbudo, sujo, bêbado e fedorento como todo bom mendigo que se preze, vestia um terno que não tirava havia alguns anos e vagava pelo centro da cidade carregando um cobertor imundo e uma maleta executiva velha e furada. Todos os dias ele ia a alguma praça, fosse da República, da Sé ou Ramos, encontrava um banco e sentava-se de pernas cruzadas para ler um jornal velho. Passava horas concentrado, imerso na leitura como um magnata lendo jornal em seu jatinho particular. Geralmente ficava sozinho, pois não são muitas as pessoas que apreciam dividir o banco da praça com um mendigo fedorento, mas quando acontecia de algum distraído sentar-se na outra ponta, fosse um senhor, uma senhora, um padre, um office boy ou outro mendigo, ele sempre dava um jeitinho de puxar um papo. E como era bom de prosa! Quando abria a boca deixava de ser um mero vagabundo para virar o doutor da praça. Era dono de uma oratória virtuosa e um formidável talhe intelectual. Jurava de pés juntos que era físico nuclear e amigo pessoal do presidente Garrastazu Médici. De tanto jurar e falar e dizer por anos aqui nessa praça ou acolá naquela esquina, ele era conhecido por todos os comerciantes, camelôs, bêbados, prostitutas e marginais das redondezas como o homem atômico.

Eram impressionantes as teorias que saíam da sua boca desdentada! E se não lhe rendiam o Nobel, ao menos garantiam umas boas risadas aos boêmios da cidade e uma dose de pinga ou um copinho de café frio ao doutor físico. Vez ou outra algum dono de bar o convidava para sentar-se à mesa e dar aos seus clientes uma palestra sobre a teoria das antipartículas, o que o homem atômico fazia com brilhantismo catedrático, para deleite do dono do botequim, que via suas vendas de cachaça e xiboquinha aumentarem exponencialmente em função da clientela de bêbados acumulada em escala logarítmica no espaço e no tempo. E o homem atômico ia falando e ficando, a noite caía, o movimento na São João aumentava; desocupados, pudins de pinga, porteiros de bordel, mulheres da vida e mais todo tipo de diabo da noite aglomeravam-se em torno do velho amigo do general Médici para ouvir seu falatório esquizofrênico. O cafetão tragava seu charuto e baforava com prazer o cogumelo incandescente de Hiroshima, os vândalos se regozijavam com a explosão de vinte megatons da bomba de hidrogênio, as prostitutas suspiravam seduzidas pelo brilho fascinante da radiação de Cerenkov, o traficante se intrigava com o processo de enriquecimento do urânio e o doutor físico ia forrando o estômago de tremoço e salsichas enquanto tecia largos elogios ao programa nuclear secreto do presidente Médici.

Aos poucos a fama do mendigo foi extrapolando esquinas e ele fez turnê nos botecos de praticamente todo o centro velho de São Paulo. A cada noite estava filando a lingüiça de um botequim diferente, ora no Arouche, no Anhangabaú, no Paissandu, na Boa Vista... Onde quer que o doutor físico fosse, sempre havia cachaça, coxinha e público para suas alcoólicas palestras de física nuclear. E foi assim que, com o passar dos anos, o homem atômico tornou-se uma lenda, uma lenda viva, uma lenda urbana com a qual se poderia tropeçar em qualquer esquina. Nos bares era assunto recorrente: afinal, gênio ou louco? Alguns apostavam que não passava de um vagabundo excêntrico, outros diziam que era um doido super dotado, mas havia um grande número de dedutores e achadores crentes de que o velho mendigo realmente tinha sido físico nuclear durante o governo Médici. Alguns estavam decididos a investigar a questão, e quando encontravam o velho atômico divertindo alguma corja de desocupados, iam até ele interpelá-lo sobre seu

passado. O pobre homem lembrava entristecido seu trabalho como cientista, até o dia em que Geisel acabara com a empreitada, desaparecera com as provas e por pouco não sumira com os cientistas, condenando-os ao exílio e à lei da mordação. E desde seu refúgio no Paraguai ele amargava aquela situação miserável. Escrevera várias cartas a Médici pedindo para que fosse restituído a um cargo decente na Universidade de São Paulo ou em qualquer outra, mas não houve réplica. Passou a escrever também para Geisel, não em tom de cordialidade, mas de ameaça, dizendo que, se não lhe devolvesse a dignidade que merecia um cientista brasileiro, a notícia viria à tona e poderiam vazar provas e outras coisas mais. Mas ao contrário da democracia, a resposta nunca retornou, e o vácuo em que ficou o pobre físico era como aquele que existia antes do Big Bang.

A história acabou chegando aos ouvidos de um jornalista do Correio de São Paulo, que certo dia começou a percorrer os bares do centro perguntando pelo paradeiro do famoso homem atômico. Foi encontrá-lo numa noite fria, abandonado na escadaria do Theatro Municipal; aproveitando-se do silêncio na Rua Barão, fizeram a entrevista ali mesmo. O repórter do Correio ficou um pouco incomodado por ter de apertar a mão suja do mendigo, que empestou a sua com um odor duvidoso; mas simulou cordialidade, ligou o gravador escondido no bolso e iniciou uma conversa descontraída sobre quarks e neutrinos até que as perguntas pertinentes fossem se insinuando pelas linhas da conversa:

— Então, Médici tinha um programa nuclear secreto?

— E se tinha! O que os ianques iam fazer com toda a tecnologia nuclear senão escondê-la entre seus cães de guarda na América Latina? Onde mais iriam despejar seu lixo atômico? E por que Médici, que gostava tanto de projetos faraônicos, não ia querer um programinha nuclear à disposição da ditadura?

Mas o jornalista ainda parecia descrente:

— Os americanos se sentiriam seguros com uma bomba atômica nas mãos incompetentes do Brasil?

— E onde você acha que estavam os mísseis que Kennedy mantinha apontados para as barbas do Fidel? — O mendigo insinuou com um riso desdentadamente enigmático.

— E as provas?

— Provas? Construíram uma desculpa para escoar todo o refugo do programa nuclear e ninguém percebeu! Hoje a desculpa deve estar esquentando a água dos peixes em algum lugar de Angra dos Reis...

Céus! Se fosse o que estava parecendo, aquele seria o furo jornalístico do século! O repórter estava maravilhado com a sorte, foi se aventurando a minerar minúcias no saquinho de surpresas, e quando enfim se convenceu de que já tinha uma bela reportagem, finalizou a entrevista perguntando ao velho físico se ele não estava desapontado com o seu fim miserável.

— Ah... é a vida. — Ele deixou escapar um muxoxo triste. — Mas eu continuo mandando minhas cartas para Médici e Geisel, que não me respondem, eles fingem que não me ouvem, me subestimam. Eles vão me forçar a falar alto e quem sabe então irão me ouvir...

O jornalista sentiu-se como se tivessem acabado de cuspir no seu feijão. Aquele desfecho demente estragou todo o brilhantismo da entrevista, e lá se ia o furo de reportagem do século, que não seria nem o furo de reportagem da tarde, pois ainda que quisesse maquiagem a verdade o editor não aceitaria. Era impublicável. O infeliz não passava de um pobre lunático. Nada restava a fazer senão desligar o gravador, colocar cinco reais na mão do homem e ir-se embora pelo viaduto.

Depois daquela noite, nunca mais voltaram a ver o mendigo pelo centro ou qualquer outro canto da cidade. O que teria acontecido ao homem atômico? Não era difícil prever; devia ter morrido intoxicado com alguma lingüiça de bar estragada, recolhido e encaminhado como indigente ao IML, e assim terminaria sua carreira científica despedaçado em algum laboratório de anatomia. De qualquer forma, o centro ficava mais triste sem ele. Apenas muito tempo depois da entrevista que aquele jornalista voltaria a se recordar do homem atômico. Lembrou-se dele numa noite muito especial em que caminhava pela Avenida Paulista, quando ao erguer os olhos, deparou-se com uma névoa brilhante e belíssima dispersando-se com o vento entre as altas torres. Finos floquinhos de neve fosforescente precipitaram-se

graciosamente abençoando a cidade palpitante, e a chuva iluminada arrebatou risos e suspiros de fascínio e surpresa. Casais de namorados apreciaram-se com os cabelos recobertos de poeira resplandecente, velhinhos extasiados esticaram as mãos para deixar-se cobrir por uma tênue película de luz, crianças fizeram festa e assopraram pó brilhante umas nas outras, enquanto jovens maravilhados abriam a boca aos céus e deixavam-se experimentar o sabor picante do cézio 137.

Este texto foi originalmente publicado na coletânea Visões de São Paulo. Também ganhou uma versão em espanhol no site argentino Axxón.

Cristina Lasaitis é formada em biomedicina e estuda editoração, almoça e janta literatura todos os dias; é revisora de textos, tradutora e escritora. É autora do livro "Fábulas do Tempo e da Eternidade" e co-organizadora da antologia de contos fantásticos LGBT "A Fantástica Literatura Queer". Cristinalasaitis.wordpress.com

Galeria: Alex Leão



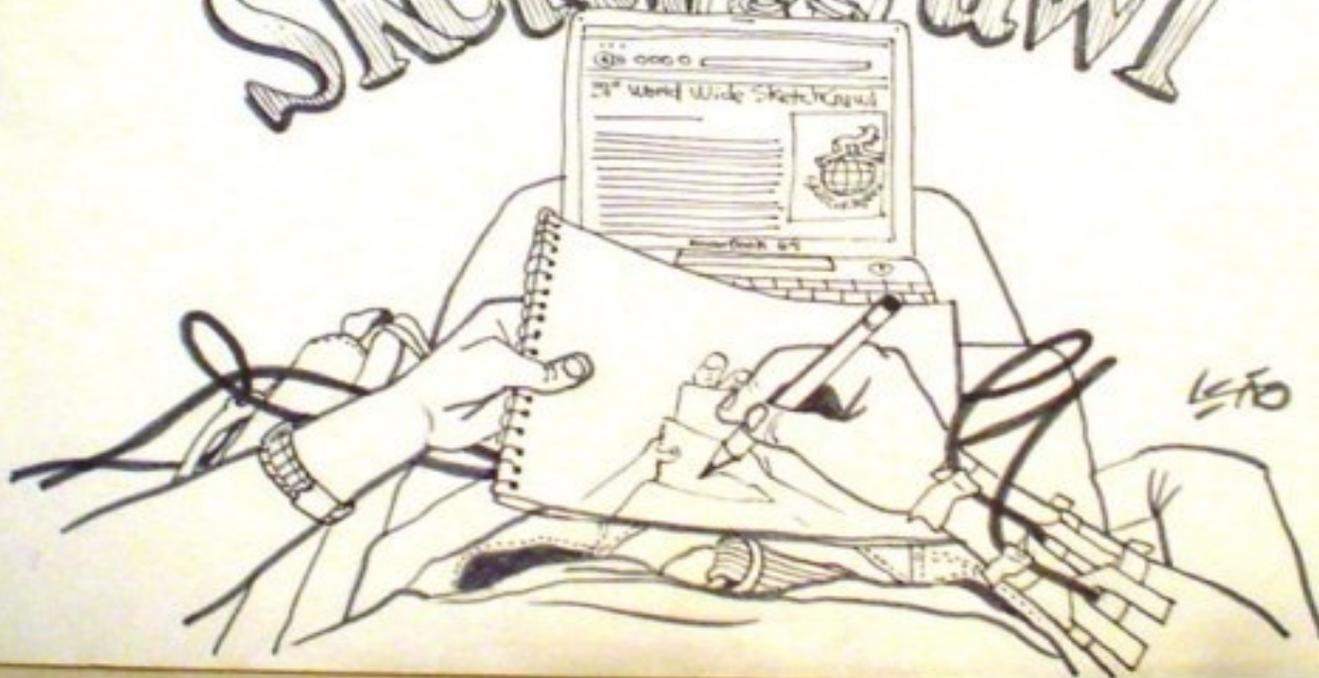


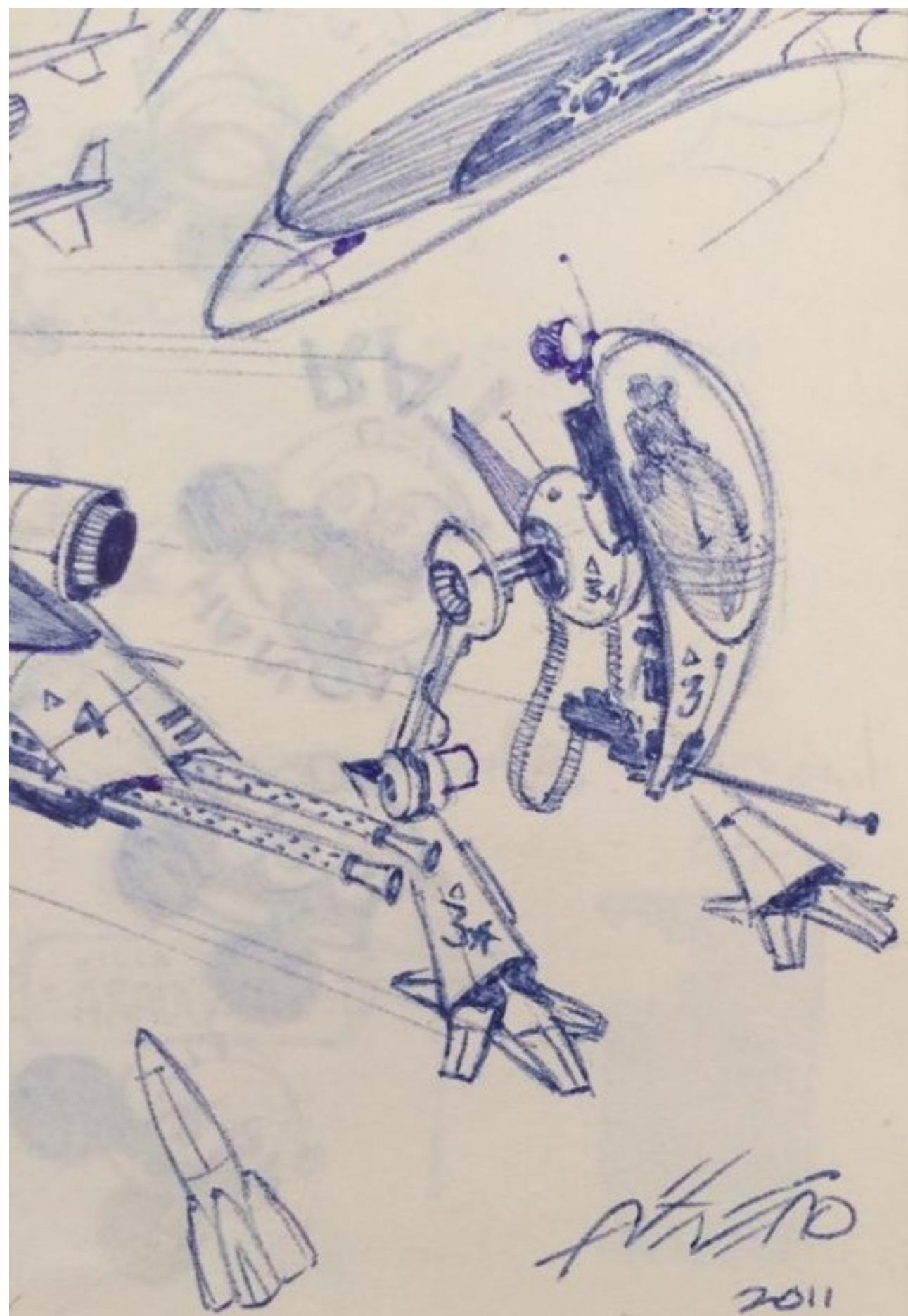
Copyright © 2012 - Alex Leão. Todos os direitos reservados.

16 de abril - 19:00

31° World Wide

SketchCrawl





A. H. TO

2011





LEÃO
2012



LS10





Entrevista: Alex Leão



Alex Leão nunca trabalhou em outra coisa que não envolvesse arte. De desenhos de perspectivas para móveis planejados nos anos 80, passando por charges e cartuns para jornais e direção de arte em agências de publicidade, animação 2D e 3D, até o design de interfaces interativas para a web e mobile, sempre desenhou pra ganhar a vida.

Vamos começar pela capa da Trasgo. O conceito veio do conto "Cinco Bilhões", mas você tomou algumas liberdades em relação ao conto. Por que essas escolhas?

Pela própria natureza do texto, um conto, a descrição física das coisas e pessoas não é tão preciso. O que há são apenas sugestões e isso é um prato cheio para exercitar a imaginação!

Qual foi o processo para a construção dessa capa?

Comecei o processo procurando referências gerais sobre o tema da ilustração. Revisitei trabalhos de outros ilustradores, na internet principalmente, mas também em minha coleção de livros de arte e ilustração. Depois de estar positivamente influenciado por esses trabalhos, gosto de testar as ideias rabiscando muito em papel ou no iPad. Faço desenhos rápidos levando em consideração o texto e o formato da imagem. Depois de ter alguns sketches com ideias suficientemente sólidas, conversamos para validar algumas delas. Com a direção a ser seguida, iniciei o processo de desenho e pintura da imagem, 100% no iPad neste caso, usando o Procreate App.

Quais as ferramentas que você mais utiliza? Você se sente confortável desenhando no iPad?

Ultimamente tenho usado o iPad em quase todos os meus trabalhos. De início usava o próprio dedo para desenhar e pintar, mas hoje prefiro usar uma stylus. O iPad se revelou para mim uma ferramenta maravilhosa para desenhar e pintar, inclusive *on the go*.

Conte um pouco da sua carreira, de quando foi chargista até chegar na Galinha Pintadinha e daí em diante.

Sempre trabalhei com desenho. Ajudava meu pai num pequeno estúdio de pintura de placas e sinalizações em São Paulo capital, fazendo *lettering design* e logotipos. Em 86 me mudei para Brasília e lá trabalhei por um ano com desenho de perspectivas para móveis planejados. Mudei para Campinas e trabalhei com direção de arte em agências de propaganda e como cartunista nos dois principais jornais da cidade.

Quando a computação gráfica começou a engatinhar no país, montei um pequeno estúdio multimídia, o Nex Multimeios e depois o site Emotioncard. Publiquei a primeira animação multimídia da Internet

brasileira em meados da década de 90, e com o Emotioncard também fomos pioneiros, publicando cartões virtuais animados em Flash antes de qualquer outro site no Brasil.

Com o sucesso do Emotioncard, recebi o convite de um produtor musical para criar e animar os videocliques da Galinha Pintadinha, junto com meus colegas animadores Mina Leão (minha irmã) e Ana Paula Indalêncio. Participei dessa iniciativa até a finalização do DVD #1, quando por divergências financeiras saí do projeto, mantendo porém direitos autorais e sobre royalties. No final de 2012 recebi um convite da Movable para colaborar com o projeto do PlayKids.

Sua experiência não é tanta neste traço, você está mais acostumado a caricaturas e ilustração mais voltada ao cartum. Por que comprou a briga e pediu para ilustrar para a Trasgo?

Não tenho tanta experiência comercial nesse traço, já que o mercado de fantasia no Brasil é bem tímido. Mas nas horas vagas costumo desenhar e pintar muito usando a técnica que utilizei na capa da Trasgo #2. Desde criança curto muito sci-fi e desenhar a capa da Trasgo foi uma oportunidade de finalmente colocar a mão na massa de um projeto com essa temática.

Quais são seus artistas favoritos, referências?

Muitos! Desde pintores do romantismo, passando pelos impressionistas Monet e Manet até Norman Rockwell e outros. Atualmente tenho gostado muito de acompanhar, pela Internet, artistas da indústria de cinema e games responsáveis pelas artes conceituais dos filmes.

Você está trabalhando em algum projeto pessoal, algo assim?

Desde que me entendo por gente tenho projetos pessoais. Alguns deles saíram do papel, como a Nex Multimeios e a Emotioncard. Outros aguardam o momento certo de virarem realidade. Tenho alguns roteiros de quadrinhos e animação que definitivamente precisam se materializar!

Você tem um portfólio online, onde podemos encontrar mais material seu?

Em casa de ferreiro, o espeto de pau... Tenho um blog onde coloco alguns trabalhos, mas não posso dizer que seja um portfólio online... Lá se vão cerca de 25 anos de muito trabalho, então o visitante vai encontrar trabalhos muito diferentes em estilo e de épocas e áreas bem distintas:
Alexleao.wordpress.com

Entrevista: Ana Lúcia Merege



Ana Lúcia Merege é carioca e trabalha na Biblioteca Nacional. É autora de artigos, de contos, do ensaio “Os Contos de Fadas”, dos romances “O Caçador”, “Pão e Arte”, “O Castelo das Águias” e “A Ilha dos Ossos”. Organizou, entre outras, a coletânea “Excalibur” e é co-organizadora de “Meu Amor é um Sobrevivente”, “Bestiário” e “Bestiário: outras criaturas”.

Seu conto tem um tom bastante romântico no início, que trabalha muito bem as entrelinhas para mostrar a situação real. Quais as suas referências neste sentido?

Acho que isso vem na tradição de uma vertente da literatura de terror, que trabalha com o psicológico e principalmente com a ideia do horror que pode se esconder nas coisas do cotidiano, na rotina, no que achamos que é inofensivo e está sob controle. Era o que o professor pensava de sua vida e de sua esposa, até que... :)

No conto, todas as personagens têm nomes próprios, até Snowball e Pennington, menos o professor. Por que esta escolha?

A ideia é mostrar o quanto ele é metódico a ponto de não ter uma identidade. A rotina e a profissão meio que substituíram o ser humano peculiar que ele poderia ter sido, assim ele não é John ou Peter, mas sim o chato e previsível "professor".

Achei o final do conto surpreendente, não o vi chegando. De onde surgiu o "Rosas"?

A primeira cena que me veio à cabeça foi da transa metódica do casal. O resto foi se organizando em torno disso: uma rotina que não varia, que sufoca e que dá margem a uma grande explosão devido ao acúmulo de frustrações.

Você está lançando novos contos e um livro que expandem o universo de "Castelo das Águias", que acredito ser seu romance mais popular. Como você se sente trabalhando na criação de seu mundo?

Poderosa! Brincadeira. Eu me sinto muito bem, acho que estou produzindo e realizando coisas legais, inclusive com mensagens bacanas. Ao mesmo tempo, não escondo que fico bem tensa com a reação do público. Mas publicar é oferecer a cara; a gente nunca sabe se vem um tapa ou um afago. E o pior é quando nada vem!

Além de escrever seus romances, participar em antologias e ministrar cursos, você consegue arrumar tempo para nos brindar com seu trabalho na Trasgo e em outras revistas. Como você

consegue gerenciar tudo isso?

Só os deuses têm a resposta. :)

O que há na cartola para sair em breve que você pode nos adiantar?

Está saindo agora meu novo romance pela Editora Draco, "A Ilha dos Ossos", continuação de "O Castelo das Águias". Tenho outros projetos a médio prazo, agora preciso é de tempo, garra e organização, além de um pouco de sorte, para levar todos eles a cabo. Ou pelo menos alguns!

Onde podemos encontrar seus livros e saber mais sobre o seu trabalho?

A Estante Mágica (estantemagica.blogspot.com.br/) é meu blog, onde publico novidades e algumas crônicas. Também tenho uma página sobre O Castelo das Águias (castelodasaguias.blogspot.com.br/) com mais informações sobre o livro e seu universo.

Entrevista: Victor Oliveira de Faria



Victor Oliveira de Faria é natural de Caxias do Sul/RS e possui 31 anos. Atualmente vive em Santa Catarina, exercendo a função de assistente administrativo. Há mais de dez anos escreve e publica seus contos em sites de literatura, sob pseudônimo. É entusiasta do gênero ficção científica e procura divulgá-lo.

Cinco Bilhões tem vários elementos da era de ouro da FC, como um futuro distante, robôs e a manipulação genética no intuito de criar seres humanos "adaptados" a uma nova realidade. Conte um pouco das suas referências, de onde surgiu este conto.

Nem sempre gostei de ler como gosto atualmente. No entanto, sempre gostei de temáticas espaciais ou que envolviam ciência. Meu pai gostava muito de ler e sempre trazia livros e revistas de bancas de jornal, como a famosa “Seleções”. Meu tio possuía a assinatura da revista “Superinteressante” na época. Confesso que às vezes o visitava apenas com o intuito de ler as novas edições.

Foi apenas no segundo grau, com “ordens expressas” de ler certos conteúdos, que a biblioteca começou a ser minha nova amiga. Foi lá que descobri o gênero da literatura que viria a ser meu preferido: ficção científica. Dois livros chamaram minha atenção: “827 Era Galáctica” e “O Enigma de Andrômeda”. À procura de mais destes autores, percebi que existiam inúmeros livros de Isaac Asimov.

Assim ele passou a ser meu autor preferido. Praticamente todos meus textos têm um pouco de seu estilo “linguagem simples aliada a uma boa história”. Esta noveleta foi influenciada em grande parte por seu livro “The Gods Themselves” (Os Próprios Deuses, 1972), onde ele descreve em pormenores uma sociedade alienígena que tem um Sol mais frio que o nosso, e a humanidade passa a trocar energia e matéria entre os dois universos, com grave consequências para um dos lados.

Estes detalhes, mais a teoria bem conhecida de que o Sol irá inchar e engolir nosso sistema em cinco bilhões de anos traçou a linha de meu texto. A primeira pergunta que surgiu em minha mente foi: e se alguém vivesse nessa época? O restante fluiu e quase se escreveu sozinho.

No conto, Keyra se mostra como "incompreensível" para seus conterrâneos, um ser com emoções em um universo racionalista. Por que trabalhar este aspecto?

A maioria de meus contos exalta o sentimento, independente da ciência aplicada. Já utilizei isso em temas com robôs, humanos e até máquinas. Neste caso quis mostrar que a humanidade, sem levar em conta tempo, época ou aparência, ainda é a mesma; no sentido de manter seus instintos primitivos e idiosincrasias como ansiedade e preocupações.

Há uma discussão sobre se a viagem para outros planetas seria o equivalente a "desistir" da

Terra (e dos humanos). O que você acha?

Em minha opinião, se a humanidade algum dia chegasse ao nível apresentado em séries como Star Trek, somente um pequeno grupo de pessoas faria parte da equipe de expedição. Acho improvável que a Terra se tornaria vazia devido a isso. O livro “Nós, Marcianos” de Asimov, traz um conto muito interessante sobre o assunto — uma base avançada em Marte que depende da Terra. Infelizmente não acho que todos teriam o privilégio de desfrutar da era espacial.

Você publicou online por muito tempo sob o pseudônimo Brian Oliveira Lancaster, nome que utilizou até ao enviar o conto para a Trasgo. Por que o pseudônimo, e por que decidiu usar seu nome para publicar conosco?

Não sou uma pessoa que gosta de aparecer. Meu objetivo sempre foi entreter o leitor com boas histórias e despertar o interesse em conhecer autores clássicos do gênero. Minhas primeiras histórias são bem ruins (não existem mais), então o pseudônimo veio como uma forma de exercício literário. Afinal, só aprendemos e melhoramos escrevendo cada vez mais. Com o tempo o nome passou a ser conhecido e o mantive.

A Trasgo está se tornando um grande veículo midiático e como muitos atualmente não compreendem o conceito por trás de pseudônimos, resolvi me apresentar como eu sou, sem alter egos literários.

Você também publicou ebook de contos, conte um pouco sobre ele.

O ebook “Lágrimas de Robô e outros contos” em pdf foi o formato mais simples que encontrei na época para divulgar contos um pouco maiores, quase noveletas. Há muitos anos publico no site literário Recanto das Letras, mas o site (e público) dá preferência a textos mais curtos, imediatos. Se você publicar algo em partes/capítulos há uma grande chance de nunca ser lido.

O ebook contém os melhores textos de um período compreendido entre 2008 a 2012. Hoje já o considero antigo e com histórias não tão boas quanto achei na época. Mas o mantive disponível no blog, pois revela muito sobre meu estilo (e estes contos não se encontram em nenhum outro lugar).

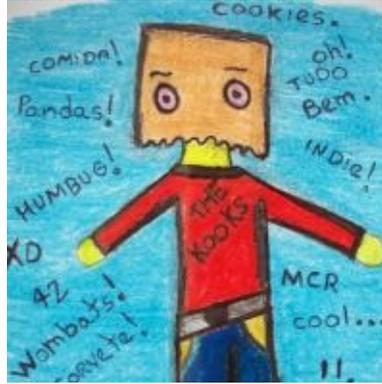
Há algo além que queira destacar, algum trabalho seu que quer divulgar?

Não tenho nenhum projeto em andamento, a não ser uma grande ideia para um *mashup* entre faroeste e ficção científica, com apenas um capítulo escrito. Não me sinto seguro ainda para escrever um romance, por isso venho treinando com noveletas. Tenho o costume de não enrolar o leitor com eventos desnecessários, mas um romance exige um nível de detalhamento bem maior.

Quem quiser conhecer melhor o seu trabalho, deve ir buscá-lo onde?

Costumo publicar contos quinzenalmente (ou menos, dependendo do humor) em meu blog. Iniciei este mês uma série de resenhas e opiniões pessoais sobre livros de minha coleção. O link é paradoxotemporal.wordpress.com. Também coloco textos mais curtos no Recanto das Letras (recantodasletras.com.br/autor.php?id=44330), mas geralmente vão parar no blog, que é mais completo e tem mais recursos (todos sob o mesmo pseudônimo). E meu Twitter, onde publico bem raramente micro contos: [@victorfaria2012](https://twitter.com/victorfaria2012).

Entrevista: Jim Anotsu



Jim Anotsu não gosta de chocolate amargo. Costuma escrever coisas que inventa e essas coisas são publicadas em papel. É o autor acusado de cometer "Annabel & Sarah" e "A Morte é Legal", assim como alguns contos em coletâneas. Seu próximo livro será publicado pela Editora Gutenberg em algum momento do universo. Ele tem uma gata chamada January e uma noiva.

Qual a principal inspiração para Hamlet: Weird Pop?

Eu sempre gostei de Shakespeare e isso está em muita coisa do que escrevo, sendo que o próprio fez uma “participação” no meu livro “A Morte é Legal”. E eu sempre gostei de comédias com coisinhas estranhas e aleatórias, como aqueles filmes dos anos de 1980 que tinham premissas absurdamente cheesy, mas que eram divertidos. Eu estava assistindo a um programa sobre a autora de “Axolotle Atropelado” — e o fato de ela ter sido processada pela pessoa de quem ela plagiou — na mesma época em que relia “Puck’s From Pook’s Hill” de Rudyard Kipling. Juntando essas duas coisas com um pouco da cultura pop que mergulha na minha cabeça surgiu a história. Era minha brincadeira de mexer com Puck — outro personagem Shakesperiano que eu já havia utilizado anteriormente, também em “A Morte é Legal” — e com um pouco de como cada um mexe nas obras dos autores de sua própria forma, transformando, enriquecendo ou mutilando.

No conto há referências ao teatro clássico. Qual a sua relação com esses clássicos?

A minha formação acadêmica é voltada para o estudo de clássicos da literatura inglesa, fazendo com que Shakespeare, Kipling, Ben Jonson e outros poetas e escritores façam parte do meu dia a dia. Eu tenho uma ligação muito grande com esse tipo de literatura porque eu cresci com ela e não fazia muita diferenciação entre clássicos e livros de entretenimento. Logo, eu cresci com um pé em cada mundo, na literatura de fantasia, que é a minha favorita, e os clássicos — de vez em quando eles se esbarram, chocam e soltam faíscas. Não é preciso duplipensar, basta gostar de ler e conhecer essas obras que estão aqui há muitos anos. Uma pessoa que busca os clássicos sempre poderá encontrar ótimos amigos. Partilho do sentimento que Wallace Stevens — um dos meus poetas favoritos — coloca num de seus poemas: *The reader became the book; and summer night/Was like the conscious being of the book*. O leitor se torna o livro e poder se tornar Hamlet, Mogli ou Lady Bracknell é sempre divertido.

Suas obras costumam ser recheadas de referências, principalmente à cultura pop. Você faz muita pesquisa para escrever?

Sim e não. Depende do material no qual estou trabalhando. Por exemplo, Hamlet: Weird Pop nasceu num estalo, por isso não pesquisei tanto, mas busquei minhas memórias afetivas e a forma como eu me

lembrava das histórias. Eu costumo memorizar trechos de peças e poemas, por isso eu já tinha o material na cabeça. Para os romances a coisa é diferente. Em “Annabel & Sarah” eu pesquisei muito sobre a literatura noir, autores, referências e coisas do tipo. Em “A Morte é Legal” eu fiz uma pesquisa intensa e profunda sobre o mundo do hip hop e cheguei a frequentar duelos de rap e compor raps para que eu soubesse do que estava falando. Sou meticoloso e costumo gastar dias para saber se escrevo uma banda ou outra na camisa de um personagem.

Vi você comentar no Twitter que escreve devagar. Qual o seu processo de escrita, você tem um ritual, algo assim?

Vários. Eu sou uma criaturinha de hábitos. Eu escrevo, imprimo, mexo, corto, reviso, volto para o computador e assim por diante. Eu sou detalhista com o número de palavras que eu quero e a forma como quero que algo apareça. Muito disso vem do fato de que gasto horas pra fazer cada parágrafo, sempre buscando uma coisa aqui e ali. De resto eu gosto de silêncio e fico extremamente irritadiço e impaciente com seres humanos durante o “período fértil”.

Você está escrevendo um livro para sair pela editora Gutenberg, estou certo? Há algo que você pode adiantar dele para a gente?

Sim, o meu próximo romance será publicado pela Editora Gutenberg, que é a casa de outros autores a quem admiro profundamente, como Felipe Castilho e Eric Novello — que para mim, ao lado de Jacques Barcia, são os melhores autores nacionais de fantasia no país. Eu não tenho muito a dizer sobre o livro novo, exceto que ele é bem diferente do que fiz até o momento, mas que mantêm aquilo que os meus leitores conhecem. Eu gosto de comparar os meus livros da seguinte forma. “Annabel & Sarah” era o meu “Is This It” do The Strokes, “A Morte é Legal” é como se fosse o “Pinkerton” do Weezer e o livro novo é um disco do Ramones com três acordes tocados na velocidade da luz. É a história de uma garota que toca numa banda, xamãs urbanos e raquetes de tênis altamente perigosas.

Há algo mais que queira divulgar nessa entrevista? Aproveite o espaço.

Bem, não há muito que eu possa contar no momento — as coisas estão meio corridas e nem tudo está finalizado e decidido. Só espero que as pessoas continuem acompanhando o meu trabalho e que se divirtam com o que escrevo. Acho que mais detalhes devem surgir em breve nas minhas redes sociais e no meu blog.

Onde podemos encontrar mais informações sobre você e suas obras?

O meu blog pessoal é o popdivision.blogspot.com, que é onde eu comento coisas inúteis. Em breve ele será substituído por um site propriamente dito, mas até lá eu posto bobagens ali. Tem o Twitter @jimanotsu e a página no Facebook com o meu nome (facebook.com/anotsu). Meus primeiros livros podem ser encontrados através da internet e em livrarias. Muito obrigado pelo espaço e até a próxima.

Entrevista: George Amaral



George Amaral é paulistano, formado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de São Paulo e em Roteiro Audiovisual pela PUC-SP. Cursou Design Gráfico e da Imagem na Escola Panamericana de Arte e História em Quadrinhos na Quanta Academia de Arte. Atua como gerente de marketing, consultor de arte para editoras, ilustrador de livros infantis e escritor de literatura e roteiros. É fundador do Gonf Studio, voltado para design, ilustração e projetos criativos.

George, você é formado em publicidade, estudou roteiro audiovisual, mas além de escrever também ilustra e produz histórias em quadrinhos. Qual dessas áreas é sua favorita?

É difícil para mim escolher apenas uma dessas atividades como favorita. O que eu gosto mesmo de fazer, e que permeia todas essas áreas, é criar mundos imaginários e o planejar estruturas narrativas que se passam dentro deles. Um roteiro, romance, HQ ou ilustrações para livros são, na minha opinião, o resultado dessa criação prévia, que envolve pesquisa, detalhismo e criatividade.

Código Fonte é baseado na ideia de que é possível "transferir" uma mente, muito trabalhada também no Cyberpunk. Qual a origem deste conto?

Escrevi este conto como um exercício para um Núcleo de Narratividade que participava no ano passado. A intenção em relação à forma do texto era criar uma história com um segredo revelado apenas no final, mas apontado desde o começo. Trata-se do que o romancista Orhan Pamuk chama de "esconder o centro".

A partir disso, defini que o tema principal seria a famosa busca pela imortalidade, mas sob a ótica da ficção científica. Fui atrás de referências nas histórias sobre a fonte da juventude, e vem daí alguns dos nomes dos personagens, como Ponce de León, um colonizador espanhol que dizia que a fonte da juventude estava na América. Reportagens reais sobre pesquisas relacionadas ao cérebro, apontando que ele teria muito mais controle sobre o corpo humano do que imaginamos, ajudaram a criar a virada no texto, pois antes os personagens focavam as pesquisas apenas nos telômeros, que é um elemento real no envelhecimento das pessoas. Somando tudo isso, criei a ideia de que era possível reprogramar o cérebro e fazer com que ele rejuvenescesse o corpo, imitando padrões de outro cérebro. Dessa forma, em vez de uma troca de almas, seria como trocar um código vital de uma pessoa para outra.

Apesar de não ser o foco da pesquisa dos protagonistas, a principal aplicação das pesquisas vai para a indústria de cosméticos. Há algum motivo particular para essa escolha?

Como o tema central do conto era a busca pela imortalidade, ou pela eterna juventude, durante meus rascunhos acabei inevitavelmente caindo em questões de beleza e estética. O que são plásticas,

preenchimentos faciais, maquiagens, tinturas, e tantas outras coisas desse tipo, além de ferramentas para manter-se mais jovem ou mais belo? Como os personagens não eram realmente de boa índole, entendi que faria sentido cederem ao apelo do dinheiro que a indústria de cosméticos certamente colocaria em pesquisas como essa. E, se atualmente saúde, bem estar e felicidade se tornaram apelos para a venda de cada vez mais produtos, no futuro certamente essa indústria será ainda mais poderosa.

O conto termina um tanto amargo, até desumano. Quais são suas referências neste sentido?

O próprio Retrato de Dorian Grey, que León cita no texto, foi uma grande referência para essa decadência. Assim como contos de Edgar Allan Poe, para o lado gótico desse conto. Em ficção científica, Ray Bradbury tem contos que terminam muito mal, e Philip K. Dick e Gibson mostram muitas vezes a clássica amargura cyberpunk em relação à humanidade. Não posso deixar de dizer que sou fã de literatura de horror e suspense, e muitos dos meus contos acabam destacando esses elementos.

Você tem contos publicados em coletâneas das editoras Estronho e Llyr. Sobre o que se tratam?

Considero ambos como fantasia urbana com predominância de horror. Para a Estronho, a coletânea era sobre o demônio da inveja, Leviathan, e meu conto mostra um edifício em que as boas memórias das pessoas eram roubadas por um invejoso poderoso. A coletânea da Llyr, que deve sair em breve, fala sobre lendas urbanas. Eu foquei o conto em um ritual comum na Bahia na véspera do dia dos mortos, quando pessoas usam máscaras e assustam a população.

Há algo mais que queria destacar ou divulgar nessa entrevista?

Gostaria de parabenizar o trabalho da Trasgo, uma iniciativa corajosa e que tem tudo para crescer, pela qualidade dos contos, da curadoria, visual e divulgação. Acompanho revistas de literatura fantástica no exterior e já pensava em começar a traduzir contos quando soube da Trasgo. E fiquei muito feliz em ter o conto selecionado.

Onde podemos encontrar mais do seu trabalho?

No meu site pessoal, georgeamaral.com.br e do meu estúdio gonf.com.br, é possível encontrar meu trabalho com ilustração, design e projetos para livros. Tenho focado a produção literária em coletâneas e também em dois livros que estão no forno, mas em breve pretendo criar uma área de contos breves no meu site. Também estou no Facebook ([fb.com/georgeamaralpage](https://www.facebook.com/georgeamaralpage)).

Entrevista: Albarus Andreos



Albarus Andreos é paulista, engenheiro mecânico, escritor de literatura fantástica, pós graduado em Língua Portuguesa Voltada a Formação de Leitores. Vencedor do Concurso de Contos da UNIMEP de 2009. Autor do romance A Fome de Íbus - Livro do Dentes de Sabre. Participou com contos em diversas antologias. É resenhista de literatura fantástica no blog Menina da Bahia e colaborador do site Homoliteratus.

A Maldição das Borboletas Negras me chamou muito a atenção pelo estilo do texto, que tem uma cadência poética em vários momentos, como a literatura de cordel. Conte um pouco de onde vem sua inspiração para trabalhar nesta linguagem.

Tentei compor um texto com um tom regionalista, mesmo. Não exatamente o cordel, mas com linguagem do interior do estado. Tentei reinventar causos contados por pessoas rústicas, recheado de cores e de sombras, como ouvia quando pequeno, sobre mulas sem cabeça, lobisomens e aparições nas encruzilhadas. Tinha uma empregada que sabia muito bem como deixar um moleque louco com essas fantasias sombrias.

Por que você escolheu trabalhar o ponto de vista do "mal", e construir Jubelina, um demônio com fraquezas, incertezas e aspirações?

Jubelina é uma caricatura. Astroaldo, outra. Onde já se viu nomes como esses em monstros de lendas, não é? Nomes inadequados, sem dúvida, mas serviriam para assustar criancinhas. Nomes com que caipiras batizariam algum bicho, por exemplo. Os lugares e as paisagens são também pensadas em termos de interior de estado de São Paulo ou Minas ou Paraná, onde as mentes mais simples são mais aptas a se deixar levar por causos de aparições. O fato de ser um monstro é muito singular numa criatura cujo objetivo é ser famosa. Irônico e engraçado que tente seguir modelos de outras criaturas, como lobisomens, por exemplo. Esse é o objetivo dela. É tudo uma brincadeira.

Astroaldo tem uma importância grande no conto, apesar de ser apenas referenciado. Você pensou em escrever sua história? Como você o imagina?

Nunca pensei nisso. Nem tenho ideia de como seja esse aí. O conto foi mais um recurso para expressar uma ideia do que realmente um exercício sério de composição. Queria apenas falar dessa maneira. Ver como me saía. Inventei um narrador com essa voz. Na verdade, é esse narrador a figura central a ser analisada, muito diferente de mim, como sou realmente.

Pode contar para a gente um pouco sobre seu livro, A Fome de Íbus, Livro do Dentes-de-Sabre?

A Fome de Íbus nasceu como um livro único, quando ainda estava na faculdade de engenharia. Queria escrever um mundo para um colega que gostava de RPG, mas quando acabei ele não jogava mais RPG e só se interessava por Magic the Gathering. Fui em frente e de poucas páginas fiz mais de mil, em doze anos de escrita. Era a história de um guerreiro bárbaro que mata um poderoso mago e retira um anel encantado dele. Sobre os ombros desse guerreiro cai então uma maldição e ele busca entendê-la para, quem sabe, achar a solução para se livrar dela. Por motivos práticos A Fome de Íbus foi dividido em quatro livros, sendo o primeiro deles o Livro do Dentes-de-Sabre, publicado originalmente em 2007, nos Estados Unidos, pela editora por demanda Lulu.com, e depois, em 2009, pela Giz Editorial, de São Paulo, numa edição do autor. Os outros livros da série permanecem inéditos.

Sua produção não se limita a um gênero ou estilo. Quais são seus autores e obras favoritos, suas referências?

Amo fantasia, e é óbvio que dentre meus grandes inspiradores estão Tolkien e Martin. Mas também Susanna Clarke, com seu *Stephen Strange & Mr. Norrell*, Patrick Rothfuss com *O Nome do Vento*, e o mestre da literatura histórica Bernard Cornwell, com *A Trilogia do Graal*, *As Crônicas Saxônicas*, dentre outros. Dentro do terror, adorava Anne Rice com *A Hora as Bruxas*, com a história da família Mayfair e da organização secreta Talamasca, mas faz muito tempo que não leio nada dela. Devo citar ainda Valerio Massimo Manfredi com seu *Aléxandros*. No maistream destacaria *Pedro Páramo e Chão em Chamas*, de Juan Rulfo, *Crime e Castigo* de Dostoiévski e *Juventude*, de Joseph Conrad. Tenho que citar também que tudo começou com meu vício pelos quadrinhos da Marvel e a descoberta de um jogo da Blizzard, que foi um marco na minha vida: *Diablo I*.

O que você tem produzido recentemente? Há algo para sair nos próximos meses?

Tenho produzido contos que saem regularmente em coletâneas. Além de romances que escrevo um pouco e largo um pouco, sem muito pudor. Há vários inacabados, mas estou terminando dois para submeter às editoras. Mas o teor deles é segredo por enquanto.

Onde podemos encontrar mais sobre você e sua obra?

Adoro resenhar os livros de fantasia que leio, e minhas resenhas invariavelmente saem no blog Menina da Bahia (meninadabahia.com.br). Também produzo matérias exclusivas sobre algumas das minhas manias, processo criativo e dicas de como escrever, que comecei a publicar recentemente no site Homoliteratus (homoliteratus.com).

Entrevista: Cristina Lasaitis



Cristina Lasaitis é formada em biomedicina e estuda editoração, almoça e janta literatura todos os dias; é revisora de textos, tradutora e escritora. É autora do livro "Fábulas do Tempo e da Eternidade" e co-organizadora da antologia de contos fantásticos LGBT "A Fantástica Literatura Queer".

O homem atômico se equilibra bem entre a história de um personagem e a história de um contexto maior. De onde surgiu este conto, qual a sua inspiração?

O conto surgiu quando fui convidada para uma antologia de contos curtos sobre São Paulo — o livro *Visões de São Paulo*. Na época eu estava perdida com um romance que não evoluía, e esse convite desencahou minha produção, foi quando engrenei a escrever contos. A ideia de *O Homem Atômico* me surgiu num estalo e eu escrevi em uma noite. Simplesmente tentei juntar meu interesse literário em ficção científica com minha visão da cidade de São Paulo.

Este conto foi publicado em 2006. O que você faria de diferente se o escrevesse hoje?

Eu teria feito uma pequena mudança de contexto histórico: teria colocado o general Geisel como o autor do projeto nuclear secreto do governo brasileiro. Faz alguns meses li uma reportagem dizendo que Geisel realmente considerou desenvolver em um projeto assim.

Sua produção me parece muito mais voltada a contos, como muitos autores de ficção científica, com extensa publicação em revistas e coletâneas. Por que a sua preferência por este formato?

Não digo que contos são fáceis de escrever, mas são mais simples de levar a cabo e de produzir em grande quantidade. Justamente pela dinâmica de produção, são um ótimo laboratório para treinar estilos, linguagem, formas diferentes de narrar... Contos são uma escola para o escritor iniciante.

Como ainda não publiquei um romance, acho que posso me chamar de contista. Minhas ideias para histórias curtas têm ficado mais escassas nos últimos anos, mas também estão mais ambiciosas. Contudo, estou tentando engrenar meus romances, tenho quatro começados e ainda nenhum próximo ao término. Talvez esse atraso se deva, em partes, por eu redigir histórias longas com o mesmo critério que uso nos contos, portanto vai ser natural demorar. Mas estou preocupada em cuidar para que não demore demais.

Como foi participar da organização dos livros da série "A Fantástica Literatura Queer?"

A Fantástica Literatura Queer ainda está sendo. No momento desta entrevista, estou terminando as revisões para o volume azul e com uma ótima impressão dos contos desta última seleção. Apesar da Tarja Editorial ter encerrado as atividades, iremos continuar a publicação por outra editora, atualmente

estamos em negociações. Serão seis livros no total.

O que eu sinto em relação a esse projeto? Sinto que é um passo que alguém tinha que dar, alguém tinha que injetar um estímulo para a temática LGBT na literatura fantástica brasileira, então eu, Rober Pinheiro e mais nossos editores da Tarja decidimos fazê-lo. Não é apenas a literatura pela literatura, creio que é nossa função enquanto artistas contribuir para movimentar discussões, fazer as pessoas pensarem sobre o assunto, usar a via da cultura para catalisar o avanço dos direitos LGBT no Brasil. Mesmo que seja uma pequena contribuição, fico feliz de poder fazer alguma coisa.

Seu livro de contos solo “Fábulas do Tempo e da Eternidade” foi publicado pela Tarja, que infelizmente fechou as portas. Há planos de relançamento independente ou por outra editora?

Sim, neste momento estou negociando a republicação do Fábulas do Tempo e da Eternidade. Ainda não fechei contrato.

Li uma entrevista em que você diz que este livro foi uma divisão de águas, de pesquisadora para se dedicar integralmente à escrita. Como foi esta decisão?

Foi um processo que durou alguns anos e foi pontuado por uma série de pequenas crises, mas se eu puder resumir, foi o casamento de uma paixão pela literatura com uma frustração pessoal na atividade de pesquisadora. Não quero dizer que ser escritora e viver de fazer revisões seja ótimo, nem que ser pesquisadora seja ruim, mas passei a entender melhor o meu perfil de trabalho e o que me dá satisfação.

Por mais que atue no meio editorial, sempre terei um pé nas ciências biomédicas. E se um dia eu voltar para o laboratório, sei que vou me distrair de todas as formas pensando no que quero escrever. Apesar disso, acredito que encontrei uma fórmula que me faz sentir, em vez de dividida, completa.

Há algo na manga para os próximos meses?

Estamos negociando uma nova editora para A Fantástica Literatura Queer. Então creio que nos próximos meses teremos uma resposta, quem sabe o volume azul já publicado.

Você comentou que vive de fazer revisões. Aproveite o espaço para deixar seu contato!

Posso vender meu jabá? :-)) Eu faço revisões, preparações de texto, traduções e leitura crítica de obras de ficção. Editoras e autores independentes que estiverem em busca desses serviços podem me contatar pelo e-mail: cristinalasaitis@gmail.com

Onde os leitores e fãs do seu trabalho podem encontrar e saber um pouco mais sobre você e suas obras?

Acessem meu blog! Tenho publicado textos que interessam a escritores e leitores, ali você encontra informações sobre minhas publicações e também o Guia de Primeiros Socorros para o Escritor Iniciante: cristinalasaitis.wordpress.com

Obrigado por ler a segunda edição da Trasgo! Esperamos que tenha gostado.
Conte para um amigo, visite www.trasgo.com.br e ajude-nos a tornar a revista um pouco mais popular.

Créditos da edição

Edição / Organização: Rodrigo van Kampen

Revisão: Livia Carvalho /Raul Horie

Ilustração de capa: Alex Leão

Manutenção do site: Fábio Scaico

Autores desta edição: Albarus Andreos, Ana Lúcia Merege, Cristina Lasaitis, George Amaral, Jim Anotsu, Víctor Oliveira de Faria

Proibida a reprodução de qualquer conteúdo desta edição. Todos os direitos pertencentes à Revista Trasgo e aos respectivos autores e ilustradores.

Março / 2014